

Simone Ferreira Gomes de Almeida

Tradução do Breve compêndio dos louvores de astrologia, no qual o mesmo egrégio autor Álvaro Gutiérrez de Torres de Toledo prova por muitas razões que a astrologia é uma das sete arte liberais, e muito proveitosa para o mundo. E declara também os grandes e maravilhosos efeitos que por ela são alcançados. Dirigido ao reverendíssimo senhor D. Afonso da Fonseca, arcebispo de Toledo e primado das espanhas, e chanceler- mor de Castela. E Da Verdadeira e muito proveitosa declaração que se teve acerca das várias e diversas opiniões que sobre astrologia foram escritas por causa das muitas conjunções que no mês de fevereiro deste presente ano de mil e quinhentos e vinte e quatro no signo de peixes foram feitas, dividida por capítulos. E composta pelo mesmo famoso autor Alvaro Gutiérrez de Torres de Toledo. Dirigida também ao ilustríssimo senhor D. Afonso da Fonseca arcebispo glorioso de Toledo e primado excelentíssimo das espanhas. Inseridas no Sumário das maravilhosas e espantáveis coisas que aconteceram no mundo.

Normas de Transcrição

A presente tradução seguiu os preceitos fundamentais de escrita e organização do texto original, no entanto, algumas alterações fizeram-se necessárias para maior clareza e coerência do texto. A obra original apresenta poucas passagens em latim, as citações de linhas de texto e ditados foram traduzidas, mas no que diz respeito aos títulos de obras e nome de autores, traduziu-se apenas o que já foi editado em português, os trechos em latim encontram-se destacados em itálico no corpo do texto. Por fim, foi necessário algumas mudanças na pontuação, como acréscimos ou retiradas de pontos-finais e principalmente, a inclusão de parágrafos, tendo em conta que são quase inexistentes na obra original.

Sumário das maravilhosas e espantáveis coisas que aconteceram no mundo
Com Privilégio imperial

Declaração do nome de Fonseca e das armas que são cinco estrelas que têm o reverendíssimo Senhor D. Afonso de Fonseca, arcebispo gloriosíssimo de Toledo.

A Fonte da luz com o lume e claridade de suas perfeitíssimas obras e maravilhosa doutrina, secando a humidade que em nós matava o fogo do amor divino, o sumo grau acrescentará a caridade que com Deus e o próximo até agora nem todos tivemos em nossos os corações, de tal maneira que com o novo resplendor das cinco estrelas, seremos certos de aqui para adiante ter sempre despertos os cinco sentidos, que pelo descostume do exercício das obras de misericórdia estavam em nós adormecidos e escurecidos.

As coisas contidas neste livro são as seguintes:

O Sumário da história geral das maravilhosas e espantáveis coisas que no mundo aconteceram. Juntamente com alguns feitos de cavaleiros: reis e imperadores que em diversos tempos viveram, na Espanha e nas outras províncias do mundo, compilados de livros de [muito] famosos autores.

O Breve compêndio das grandes operações e utilíssimos efeitos que obra a astrologia

A proveitosa e muito certa declaração que se tinha acerca das opiniões que no ano de mil e quinhentos e vinte e três foram escritas.

E finalmente se apresenta o muito claro e verdadeiro conselho que os teólogos e prudentes astrólogos deram aos povos: quando temiam pela significação das estrelas que alguns grandes acidentes danosos poderiam fazer acontecer no mundo. Tudo composto pelo muito nobre autor: Álvaro Gutierrez de Torres de Toledo. E dedicado ao muito ilustre e reverendíssimo senhor Don AFonso de Fonseca, arcebispo digno de tudo e primado excelentíssimo das Espanhas.

Proêmio

O imenso e virtuosíssimo desejo e ilustríssima felicidade de saber as verdadeiras causas das coisas criadas no mundo (que segundo Plínio no princípio do segundo livro é dito daquele cuja celestial redondez controla todas as coisas) que os filósofos souberam nos tempos passados, fizeram pondo grandíssima diligência para poder investigar melhor e inquerir com alegre coração adiando os prazeres, honras e dignidades que podiam ter e adquirir em suas terras e naturezas mas iam a províncias muito remotas e estranhas, para alcançar a doutrina verdadeira das coisas naturais e sobrenaturais, que com afetuosa vontade desejavam saber em terras de estranhos, sendo bem tratados. Eram instruídos em todas as diciplinas e artes que para ser perfeitamente ensinados não podiam faltar, voltando depois as suas terras, se mostravam ali sapientíssimos e quase divinos pelo que haviam aprendido com solícitude em terras estrangeiras, tendo depois alguns deles opiniões contrárias e singulares sobre uma mesma matéria, discordando uns dos outros seguiam e ensinavam e, desta maneira, por algum tempo a verdade de muitas proposições na filosofia por muitos não foi sabida, até que por dom divino foi dada aos mortais a muito sã e verdadeira doutrina do sapientíssimo e capitão maior dos filósofos Aristóteles, grego, mestre de Alexandre Magno, o qual maravilhosamente declarou as coisas que antes estavam duvidosas e encobertas, porque necessidade já nenhuma havia de mais verdades inquirir, graças a natureza de seus excelentíssimos livros (para nosso proveito), com muita elegância quis escrever, retirando aquilo que a nossa religião cristã diz respeito. Por que disso a mais verdadeira determinação temos na sagrada escritura, o que não está entre as determinações que estão em seus livros.

Devido à conjunção dos planetas que se fez no ano de mil e quinhentos e vinte e quarto por longo tempo se houviu afirmar que vinha o dilúvio universal, o que não foi visto, os astrólogos do nosso tempo (e falando verdadeiramente muitos dos que se dizem astrólogos sem ser) não sabem determinar conforme os canônes [de] astrologia, nem julgar os efeitos que a dita congregação (conjunção) terá nos elementos, porque alguns dizem que nos causará muita chuva e outros que não haverá nenhuma senão muita temperança e alguns que por quarto meses choverá mansamente sem perdição de vilas e cidades, e outros que haverá seca. E o que me parece digno de pública repreensão é que alguns cometeram erros manifestos na nobríssima e muito verdadeira ciência da astrologia, atribuindo à ciência o grandíssimo defeito que está neles, como

diz Pedro de Aliaco, cardeal camarário, no proêmio do livro que concordância de astrologia se intitula.

A astrologia é chamada natural teologia, porque assim como a teologia superior, traz-nos o conhecimento de Deus pela fé sobrenatural, do mesmo modo, a astrologia é a natural teologia inferior que é (escrava e servidora da superior), e por razão natural fomos trazidos a introdução do conhecimento divino vindo por “ela” o conhecimento de seu criador. Porque serve a sua senhora, a Teologia, mais que a nenhuma das outras ciências e artes liberais, por isso São Paulo disse que pelas coisas criadas no mundo vemos o conhecimento da sempre eterna virtude de Deus, e pela sua divindade e entre a criaturas visíveis, estão as criaturas celestiais das quais trata a astrologia, de toda sua quantidade e da grandeza de seus corpos e movimentos, e de sua variada e maravilhosa influência, e diversa virtude, de forma que são os homens atraídos com grande admiração ao soberano conhecimento de Deus. E pelo que foi dito pelo profeta, os céus¹ elogiam a glória de Deus, e as obras de suas mãos anunciam o firmamento que é céu estrelado, assim que não pode haver erros em astrologia sendo esta ciência natural, senão no entendimento daquele que se quer mostrar sábio sendo na verdade ignorante. E por isso diante de Deus é culpado, tanto o que diz a mentira, como o que oculta a verdade, como diz o primeiro capítulo do *crimine falsi* (crime falso). A qual não se pode deixar de manifestar ainda que se tema por descobrir algum escândalo, como diz o texto que começa o *dalizaverit de regulis júris*. Por isso com a ajuda de Deus determinou declarar a verdade de algumas opiniões que acerca desta matéria foram escritas. Para que não creiam os descendentes lendo tais prognósticos que cairiam do céu as grandes águas conforme foi publicado. Devido ao temor que muitas pessoas tiveram, (contrariamente ao texto sagrado do evangelho de São Matheus) com demasiada solícitude e diligência guardaram muitas e diversas provisões para comer: algumas das quais no fim do divino mistério foram danificadas e corrompidas.

Porque é também confuso para aqueles que lêem coisas tão diversas e contrárias umas das outras que delas nenhuma doutrina certa tomar fé se possa, não sem muita ignomínia dessa ciência, como também dos letrados em cuja presença ousam afirmar (e pior colocar por escrito) proposições acertadas, que por falsas são tidas pelos bons autores que escreveram e repreenderam, e para encontrar verdadeira prova do que tenho que dizer será necessário recorrer a Aristóteles para consultar essas opiniões, e (dessas)

¹ Durante o texto farão presença as palavras céu e céus tendo em conta a alternância do autor, isto se deve a consideração da existência de sete a nove céus pelos astrólogos

que se levantaram, como ele fez no tempo passado, cuja autoridade nas coisas naturais é maior que de nenhum outro filósofo, e basta que o tenhamos visto.

Porque segundo diz o grande comentador Auen Ruiz no proêmio de sua obra, a ciência de Aristóteles foi mais divina que humana. E seguiremos assim mesmo a doutrina dos autores aprovados pela escola dos astrólogos (porque aos expertos e sábios em cada ciência se deu fé e inteira credulidade, segundo diz o texto e os doutores no capítulo *significati de homicidio* (Significado do homicídio) com as autoridades dos quais se manifestaram as falsas opiniões dos modernos escritores, a maior parte dos quais mais por alcançar fama de saber ou ganhar dinheiro ou conquistar a benevolência das pessoas, quiseram, ao escrever, exceder os limites dos prudentes e não com boa intenção examinar ou averiguar questões duvidosas em astrologia: ou de informar claramente o que ignoravam em seus escritos. Quis com muita razão que a vossa reverendíssima senhoria esta obra fosse dirigida por resplandecer nela a muito alta virtude da justiça: e por amar aqueles que com muita solícitude procuraram inquerir e saber toda verdade. Não porque acreditasse diante da sabedoria de vossa muito ilustre senhoria trazer alguma coisa de novo, senão para que seja testemunha de meus trabalhos e verdadeiro argumento para provar que o tempo da minha vida não passe todo em ociosidade consumido, abrigado já como um dos habitantes desta sua ampla metrópole, lhe dou conta de minha vida, como ao próprio e perfeitíssimo senhor, que Deus onipotente quis pôr nesta imperial cidade de Toledo, que de aqui a diante por felicíssima entre todas as de Espanha há de ser considerada, por haver desfrutado tão nobilíssimo e generoso privilégio. Na qual verdadeiramente se poderá alegrar e gozar muito plenamente, porque o novo primado de Espanha que por compaixão divina lhe foi dado está dotado de muitas insignes e esclarecidas virtudes. Para a gloriosa narração, a qual com aquela decência que lhe convém possa ser feita é necessário linguagem que com muita eloquência e sabedoria esteja adornada, e porque a minha de tudo isto carece, é presuposto de guardar com ela todo silêncio, por dizer-nos menos do muito, que pessoa tão esclarecida merece. E considerando que este livro há de vir as mãos de muitos que não tem a consciência iluminada como a vossa reverendíssima senhoria. Acorde primeiramente de escrever as maravilhosas coisas que no mundo no mundo aconteceram, porque a condição humana comumente recebe maior deleitação com a suavidade da história que não com a declaração da escura e dificultosa ciência.

Fim do proêmio.

Aqui começa a história geral dos maravilhosos e espantáveis casos. E dos prodígios como de muitos outros e diversos acidentes que no mundo aconteceram. Acompanhada com alguns notáveis feitos de imperadores, reis e grandes senhores, e de outros insignes e excelentes varões. Composta pelo muito nobre varão Alvaro Gutierrez de Torres de Toledo. Dirigida ao muito ilustre e reverendíssimo senhor D. Afonso de Fonseca arcebispo benemérito de Toledo e primado digníssimo das espanhas.

O breve compêndio dos louvores de astrologia, no qual o mesmo egrégio autor Alvaro Gutiérrez de Torres de Toledo prova por muitas razões que a astrologia é uma das sete arte liberais, e muito proveitosa para o mundo. E declara também os grandes e maravilhosos efeitos que por ela são alcançados. Dirigido ao reverendíssimo senhor D. Afonso da Fonseca, arcebispo de Toledo e primado das espanhas, e chanceler- mor de Castela.

Desejo reverendíssimo senhor lhe maravilhar com a vã ousadia com que Alberto Pigio Campense pretende aniquilar e destruir por coisa incerta, uma das sete artes liberais que é a astrologia, trazendo como principal fundamento de sua intenção certas opiniões que os sábios antigos repreenderam em seus livros como falsas, ignorando a verdadeira doutrina dos excelentes e sempre consultados autores que escreveram sobre astrologia. No que claramente se mostra equivocado. A primeira coisa que diz é que não se sabe o ano certo em que Deus criou o mundo, nem por tabelas nem por histórias, nem de outra maneira, senão tivermos este tempo certo da criação do mundo revelado por inspiração divina, o que é necessário para saber quando entra o Sol em cada ano no equinócio de verão que é o primeiro minuto de áries, para identificar o ascendente e fazer a figura como costumam os astrólogos para prognosticar os acidentes do ano. Mas este princípio do mundo não se sabe, de forma que não seria possível saber o lugar do Sol nem de nenhum outro planeta no céu, e por isso os astrólogos não podem dizer verdades se quiser tratar sobre a característica do ano e de outras coisas. Esta razão não é suficiente e nem ao menos por isso se pode provar a opinião de Pigio ser verdadeira, porque este ignora o ano certo e dia em que Deus criou o mundo, e não estabelece regra que a astrologia não seja verdadeira, porque assim que se saiba o dia da criação do mundo, sabe-se por este os verdadeiros lugares dos planetas no céu, o que se prova claramente por esta razão: porque os lugares onde os planetas no dia da criação foram colocados eram doze, porque em tantos signos estava o zodíaco dividido, e os planetas

são 7 que podiam ser postos em alguns lugares e os astrólogos julgavam que estavam em outros, e assim não sabiam o lugar certo onde foram postos. De forma que esta incerteza de lugares fez com que Pígio e seus seguidores não possam saber os verdadeiros lugares aonde os planetas estavam, ainda que saibam o dia da criação do mundo, e assim não é verdadeira sua opinião que por saber o dia certo da natividade do mundo se possa saber os lugares certos dos planetas.

Esta incerteza de lugares é sanada pela figura da criação do mundo, feita pelo cardeal Pedro de Aliaco, sapientíssimo varão. Contrário a esta figura é o escrito de Julio Firmico, autor que de forma clara trata sobre a mesma natividade do mundo. A natividade do mundo segundo o cardeal é correspondente ao dia em que Júpiter esteve no vigésimo oitavo grau de peixes e o Sol no décimo nono de áries e a Lua no vigésimo sétimo de touro. E o nascimento do mundo segundo Julio Firmico foi com Júpiter no décimo quinto grau de sagitário e o Sol no décimo quinto de leão e a Lua no décimo quinto de câncer, que era o ascendente, e Saturno no décimo quinto de capricórnio. Marte no décimo quinto de escorpião, Vênus no décimo quinto de libra e Mercúrio no décimo quinto de virgem. Devido a esta contrariedade com relação as figuras podemos dizer que por estes lugares dos planetas (segundo estes autores) são diversos, e não sabemos em quais partes estavam os planetas assentados, porque não é regra verdadeira a que disse Pígio e seus seguidores, que sabendo o dia da criação do mundo se pode saber os verdadeiros lugares dos planetas, e por isso havemos de conceder que para poder saber certificadamente foi necessária divina revelação, pela qual os antigos souberam o verdadeiro movimento dos céus e estrelas errantes, e a natureza deles de forma que agora nós também sabemos.

Desta revelação divina diz Simphoriano Camperio no *Livro de Vita Celitus* que compartilhada com o primeiro padre Adão e outros patriarcas revelou Deus uma pequena parte da astrologia. De Abraão, santíssimo homem, diz Josefo autor prudentíssimo: ao que se refere santo Isidoro no trigésimo quarto capítulo de seu terceiro livro que vindo da terra dos caldeus ensinou aos egípcios a astrologia e diz do mesmo modo que os gregos consideram Atlas como inventor dela, e por isso se diz que ele suspendeu o céu sobre os ombros, do mesmo modo que Abraão pôde mostrar a ciência da astrologia aos egípcios, senão lhes ensinasse doutrina verdadeira dos lugares certos dos planetas e do movimento dos céus, assim como é a parte aprovada e verdadeira e necessária da astrologia, a que trata dos movimentos celestiais. Julio Firmico grande matemático e gentil autor no terceiro livro do *De Nativitatibus* nomeia

os doutores antigos que escreveram sobre astrologia que são Esculápio, Eychius Pectoris, Neocepso, e o santo Abraão de que falamos e Orfeu e Citrodemus. Diz Plínio no sétimo livro de sua História Natural no trigésimo sétimo capítulo que pela excelência que teve Beroso na astrologia e pelas suas divinas previsões, foi feita para ele, pelos atenienses no ginásio público, uma estátua com língua dourada. Julio Firmico no terceiro livro na parte em que trata do louco ofício da fortuna, diz todas essas coisas com razão muito verdadeira como procuraram falar o divino Abraão e o prudentíssimo Aquiles. E era necessária ser feita esta revelação aos homens pelo que Simphoriano Camperio disse no princípio do livro intitulado Vida Vã, aonde manifesta que os árabes e os judeus espíões afirmam que o mundo foi feito por causa do homem do que não discorda Plínio, gentil que no princípio de seu sétimo livro diz ser visto por causa do homem o divino haver construído todas as coisas e a mesma sentença afirma Aristóteles na sua Física, dizendo que de alguma maneira nós somos o fim de todas as coisas, convém saber naturais e artificiais segundo a exposição de São Tomás, pois se o mundo (no qual também se entende os céus como os quatro elementos segundo diz Plínio no princípio de seu segundo livro História Natural) foi feito por causa do homem, como poderia o homem aproveitar-se dos movimentos dos céus sem o saber, pela grande distância que existe desde a Terra até eles, de maneira que para qualquer homem pudesse saber o movimento do céu temos que confessor que foi necessária revelação divina, pois que seu movimento somente por engenho humano não poderia ser compreendido e por isto a ciência foi revelada (que é maior do que todas as coisas terrenas que podiam ser sabidas) para que o homem alcançasse o movimento das orbes celestiais para louvar a Deus e poder se aproveitar dela nos tempos devidos, como também faz com todas as outras coisas criadas, disse o profeta Davi no salmo VIII, todas as coisas senhor sujeitou debaixo dos pés do homem, o que geralmente não pôde ser ditto significara tantos e tão diversos utilíssimos movimentos (que segundo diz Aristóteles no Segundo livro *De Generatione et Corruptione*) trabalha a geração na governação e corrupção das coisas geradas para serviço do homem, prova-se também isto ser verdade porque o homem eternamente é constituído sobre o trabalho da mão de Deus como diz o sagrado texto do profeta no mesmo lugar segundo a muito esclarecida oposição do Cardeal Hugo que diz assim Deus haver dado três coisas ao homem, a primeira que lhe criou a sua imagem e semelhança, a segunda que lhe deu sua benção, a terceira que lhe deu o senhorio sobre todas as criaturas, o que não teria cumprido se

ignorasse o sutil e maravilhoso movimento dos corpos celestes que para a utilidade humana era necessário conhecer juntamente com a natureza das estrelas.

E por esta grande sabedoria que teve dos corpos celestiais, Moisés ordenou que os judeus guardassem o sábado para que não fossem prejudicados pela influência de Saturno. E isso é o que diz rabino Abraão na glosa que fez sobre os mandamentos, especialmente sobre aquela que diz para recordar de guardar o dia de sábado, se diz sobre isso que este mandamento foi feito devido a esfera de Saturno, porque cada uma das estrelas móveis tem um dia na semana, mais que outra, no qual mostra mais sua virtude. E porque os judeus em ato e memória da criação do mundo haviam de guardar um dia, e não estava determinado qual haveria de ser, Moisés ordenou em *Marath* que este dia de folga fosse especial e determinado aquele dia que correspondesse a Saturno que é sábado, no qual Saturno e Marte tem singular influência, para que dela os judeus fossem livrados, segundo diz o terceiro livro do *Fortalitium Fidei*, o *Bello Judeorum*.

Desta maneira, se Moisés não soubesse a verdade da ciência da astrologia, ou não alcançasse o movimento dos planetas, nem mesmo a natureza deles, pode se concluir claramente que não saber o dia certo da criação do mundo não pôde impedir que estes perfeitíssimos varões não soubessem os verdadeiros lugares dos planetas e o movimento dos orbes celestes e a natureza das estrelas, e diz o cardeal Pedro Aliaco no oitavo capítulo referindo-se a Metodio, que Yonico filho de Noé recebeu de Deus o dom da sabedoria e que falou de astrologia e a ensinou a Aembrot gigante de dez côvados de altura e deu-lhe conselhos sobre em quais lugares havia de reinar, e disse também alguns acontecimentos futuros, principalmente dos nascimento dos quatro reinos e de seu fim. Sobre o que profetizou Daniel e disse também os primeiros que haviam de reinar: Cam, do qual descendeu Bello. E depois de Sem os medos dos persas e gregos. E depois de Jafé os romanos. Este Ionico foi o quarto filho de Noé nascido no terceiro ano depois do dilúvio de quem não fala Moisés, segundo diz a *Crônica Mundi*. E o mesmo cardeal no capítulo catorze do elucidário diz que os patriarcas e profetas sabiam a astrologia. E Julio Firmico falando de Abraão diz assim: para mostrar-te isto não através de argumento mas pela coisa própria compus este tratado que tirei dos livros de Abraão, que ele escreveu sobre astrologia, como dissemos acima. Porque quem ousaria dizer que tão santíssimos e perfeitíssimos autores como foram os patriarcas não mostraram ciência certa e verdadeira aos mortais. E quem assim mesmo ousou afirmar que os varões santos que Deus onipotente escolheu como instrumentos da saúde humana (que com seu ilustríssimo nascimento havia de trazer para o mundo) enganavam com

doutrina falsa aos que desejavam e procuravam iluminar os erros e as falsas ciências em que estavam e haviam caído pelo pecado do primeiro pai. Por isso havemos de ter por muito certa e verdadeira a doutrina que eles ensinaram, a qual vemos agora com os olhos corporais e com instrumentos e provamos também com razões naturais: os lugares verdadeiros aonde estão os planetas no céu.

E desta forma vemos os bons astrólogos em seus livros mais de trinta anos antes dizer o ano, mês, dia e hora em que haveria um eclipse do Sol ou da Lua, e era visto por todos naquele mesmo tempo em que eles disseram, o que não saberiam dizer senão soubessem o lugar certo no céu aonde estava o Sol, e o mesmo digo da Lua e dos outros planetas, e isto prova-se ser verdade pelo que o próprio Pígio disse, que no ano de 1023, no final do mês de Agosto, a 25 dias e 17 horas havia de eclipsar a Lua, e foi assim como ele escreveu, porque muitos a viram escurecer, porque em muitos dias antes soube certificar o tempo e o lugar aonde depois o eclipse se fez. Senão fosse certa a conta dos astrólogos eles seriam acusados de afirmar falsidades, por isso os canônes de astrologia, escritos para saber os lugares dos planetas no céu são verdadeiros, pelos quais estes pigios souberam dizer o tempo e lugar certos e verdadeiros aonde se fez o dito eclipse do mês de Agosto. E se os canônes do ilustre rei D. Afonso são falsos (como eles afirmam) os dos pigios seriam verdadeiros, porque por eles souberam dizer a verdade do eclipse citado, assim que agora a conta e a regra do sapientíssimo rei seja a certa, ou mais verdadeira que a dos pigios (a qual não foi vista por ninguém) seja a mais certa, os lugares dos planetas e o tempo em que se juntam por uma conta ou por outra muito bem podem ser sabidos e tidos como certos e verdadeiros, ainda que queiram negar por não praticar de maneira certa a astrologia.

E não somente os santos varões dizem que Deus quis revelar os grandes segredos da astrologia, mas também os filósofos peripatéticos e platônicos e também toda a família dos estóicos os quais por divino dom alcançaram a influência geral que se faz nos elementos pelo calor e pela luz e movimentos dos céus. E neste propósito Marsilio Ficino no vigésimo primeiro capítulo do *De Vita Celitus* compara, ao dizer que Andrômaco, cansado pelo longo tempo gasto na composição da Triaca, finalmente depois de sua grande diligência com sorte divina alcançou a virtude que tinha a Triaca, que por trabalho e revelação divina conseguiu a assinatura de Saleno e Avicena, segundo diz o mesmo autor. A medicina teve também como princípio os vaticínios segundo diz Jâmblico e Apolônio de Tiana. E diz Plínio no capítulo primeiro do vigésimo nono de sua Natural História que os deuses foram inventores da medicina, e o

primeiro que profetizando falou da medicina foi Febo. E dito mais que a criação do mundo foi revelada, pela qual se soube o que aqueles negam, por não terem conhecimento. Segundo diz Julio Firmico, autor materno e claríssimo, no segundo livro: Euculápio e Hanubio disseram que o nascimento do mundo foi este, era preciso saber o décimo quinto grau de Câncer no ascendente (segundo o que dissemos acima inteiramente) aos quais a pontentíssima deidade de Mercúrio comentou os segredos desta ciência, de forma que por esta autoridade se prova não ser verdade o que os pigios dizem, que nem por tábuas nem por histórias, nem por outra maneira não se possa saber a criação do mundo, porém, autor tão excelente afirma ser revelada pelo dito Mercúrio, o que pôde ser por oráculos ou respostas deles, nos quais naquele tempo falavam os demônios, que tinham notícias completas das estrelas, e entendiam as coisas naturais presentes e também as coisas naturais futuras assim como são os tempos chuvosos ou secos e os eclipses do Sol e da Lua e as outras coisas semelhantes, e podem do mesmo modo, saber as coisas futuras contingentes pela outra doutrina, convém saber quando por divino juízo é permitido aprender alguma coisa dos anjos bons segundo diz Santo Agostinho sobre o genesis e de qual matéria trata o mestre das sentenças na distinção terceira do segundo livro.

E não somente a astrologia e a medicina são tratadas, mas também todas as outras ciências liberais e artes, assim práticas como mecânicas foram divinalmente aos homens concedidas, segundo quem vivenciou seu especulo diz desta maneira. Deus na criação do homem lhe permitiu que tivesse três bens naturais e fosse originalmente nele inserido, o primeiro foi que lhe fez a sua imagem, o segundo a sua semelhança, o terceiro que lhe deu imortalidade, e esses três bens foram corrompidos por três males que se seguiram, convém a saber: pela ignorância, pela qual lhe foi tirada a imagem divinal que tinha, e pela cobiça a semelhança de Deus e pela enfermidade do corpo a imortalidade que estava dotado; porque separando-se o homem de Deus seu caminho foi feito trevas pela ignorância e luxúria, ou desprezante pela cobiça, e o anjo do senhor que foi a enfermidade de seu corpo, que como vingança lhe foi posta, perseguindo-lhe pela mortalidade faz que torne a terra de que foi formado. E para que o homem pudese repelir e alcançar em si estes três danos, lhes foram dados pela divina misericórdia três remédios que convém saber: a sabedoria contra a ignorância e a virtude contra a cobiça e a necessidade contra a enfermidade. E os profetas falam três coisas sobre toda a filosofia e toda a disciplina das artes, pela sabedoria a teórica, e pela virtude a prática, e pela necessidade a mecânica, e dentre estas a mais honesta e verdadeira foi a lógica. A

teórica foi dividida em teologia, física e metafísica, a teologia trata de Deus e das criaturas espirituais, as que têm essências invisíveis ou as criaturas de Deus nas coisas criadas que são vistas e conhecidas. A obra de Deus está em duas maneiras: a primeira é chamada condição, que é a criação do mundo com todos os seus elementos, a segunda é a chamada restauração que foi a encarnação do filho de Deus com todos os sacramentos, a primeira obra foi feita no sexto dia, a segunda em seis idades para que as pessoas saibam que o redentor foi ele mesmo criador. A Física que é ciência natural trata das causas invisíveis das coisas visíveis, porque sua consideração é do corpo e principalmente das coisas do corpo, e o corpo é considerado em geral ou de algumas das suas partes em especial. Se de maneira geral é como considerou Aristóteles no livro Física. Se em especial, o corpo é considerado corruptível ou incorruptível, se incorruptível consideramos o que fez Aristóteles no Livro Do Céu e do Mundo, aonde diz que o céu é corpo não fabricado nem gerado nem recebedor de imperfeições. E se o corpo é corruptível ou é simples ou é composto. Se é simples como falou Aristóteles no livro Da Geração e da corrupção daquela simplicidade, que é contrária a composição natural dos quatro elementos. Se o corpo é composto pode ser animado ou não. Se não é animado é aquele de que fala Aristóteles no livro Metereológicos, aonde determina as impressões do ar e da geração do granizo e da neve e dos corpos minerais e seus semelhantes, mas se o corpo é animado e a alma é vegetativa, é aquela que bem fala Aristóteles no livro *De Vegetatibus*, e se a alma é sensitiva fala dela no livro *De Animalibus* e se é alma intelectual escreveu sobre ela no livro *De anima*, e os outros temas que estão escritos no livro são sobre o sono e a vigília, a morte e a vida, o sentido e os sensíveis e a diferença entre espírito, alma e ar, todos estão no livro *De anima* e *De Animalibus*. A Matemática faz consideração da quantidade específica que é chamada de abstrata, e esta trata das formas invisíveis do visível. Uma quantidade dividida é chamada de multidão², a que é contínua é chamada de magnitude ou grandeza. A quantidade dividida ou é quantidade dividida em si ou é dividida por três, e segundo Santo Isidoro de maneira igual e não igual, e isto é material da aritmética, ou é dividida em respeito de alguma coisa como é sesquiquarto e sesquiterço³. E isto é matéria da música que é disciplina de números, que segundo Santo Isidoro aparece em som, sobre a quantidade contínua que é chamada magnitude: algumas delas são imóveis, como é a

² Muchedumbre o multtudo

³ Elemento prefixal de origem latina que entra na formação de nomes com o significado de uma metade e meia.

esfera da Terra e isso é matéria da geometria, que é disciplina e magnitude das formas. Outras são móveis como é a esfera do firmamento que é céu estrelado e esta é a astrologia que é a disciplina que contempla os cursos das estrelas e suas figuras e as relações entre elas. E estas são quatro espécies da matemática: a aritmética que trata dos números, a música da proporção, a geometria do espaço, a astrologia do movimento. O elemento da aritmética é unidade, da música o som, da geometria o ponto, da astrologia o instante. A prática se divide entre ética econômica e política. E a mecânica em sete espécies é dividida, a declaração das quais não escrevo para abreviar e concluindo digo que não podem ser falsas estas artes e ciências que tratei pois Deus onipotente deu-as ao homem para que pudesse tirar de si a ignorância e erro em que caiu pelo pecado, segundo disse Vincenzo, entre as quais se inclui a astrologia e por isso devem com muita razão repreender os que a ciência tão certa (por sua ignorância ou malícia) querem deturpar e tirar a fé e credibilidade que lhe é devida como a cada uma das outras artes e ciências liberais, sendo autor desta doutrina Vincenzo, esclarecido e sapientíssimo varão.

E também Aristóteles no duodécimo da Metafísica, segundo suas palavras na lição sétima e no comentário trinta e quatro diz: das ciências matemáticas a que maiormente é própria da filosofia é a astrologia, porque trata de substância sensível e as outras de substâncias como os números. E Aristóteles no segundo livro da Física na lição terceira no comentário décimo sexto, diz que a perspectiva harmônica e astrologia são mais ciências físicas e naturais do que matemáticas, porque a geometria entende da linha física, mesmo não sendo física, e a astrologia ou perspectiva é considerada da linha matemática, mesmo não sendo matemática e sim física e natural. Até para o não saber, o ano da criação do mundo faz falta a astrologia, nem os santíssimos patriarcas ocuparam-se dela, nem a ensinaram a ninguém, nem o sapientíssimo Santo Isidoro a estudara, ao menos no terceiro livro de suas Etimologias (que compôs). Escrevera muitos dos princípios dela, porque enquanto santo muito menos enquanto filósofo não lhe era lícito perder tempo com coisa falsa, que em outras obras virtuosas em serviço de Deus seria melhor empregado. E no livro oitavo no capítulo *De magis* diz o mesmo santo doutor que a ciência da arte da astrologia que trata dos nascimentos dos homens, que foi concedida e permitiu-lhe encontrar o tempo em que o evangelho foi predicado para que depois de nascido nosso senhor Jesus Cristo, ninguém dali adiante declarasse pelo céu natividade de homem algum. Assim que não de agora senão de antigamente era ciência e arte verdadeira e estimada, e por tal é tida e contada pelos filósofos e pelo

mesmo santo doutor como uma das sete artes liberais no capítulo setenta de seu terceiro livro. A ordem das sete disciplinas seculares faz falta o céu pelos filósofos ser entendida, porque os ânimos dos mortais estando implicados na secular sapiência foram separados das coisas terrenas e colocados na contemplação soberana. Prevalece também a astrologia ser ciência natural devido a diversidade e alteração dos elementos e dos tempos, e a natureza deles e a corrupção das coisas é causada pelo movimento do céu e dos planetas no círculo oblíquo que é o zodíaco. Segundo diz Aristóteles no Segundo *De Generatione et corruptione*, no qual trata da astrologia, coisa muito necessária para o magistério das coisas simples e compostas que na medicina se requerem segundo Hipócrates diz no livro *Aeris*. As coisas que dizemos do ar e dos elementos e de suas naturezas estão na ciência da astrologia. E a ciência das estrelas não é pequena parte da ciência da medicina. Assim que a astrologia é ciência verdadeira e natural pois é grande parte da medicina, e segundo Hipócrates verdadeiro é este corolário que de suas palavras se colige, que o médico que não sabe astrologia lhe falta uma grande parte da medicina.

Diz Plínio no sétimo de sua História Natural que Hipócrates resplandeceu na medicina e que vindo de Ilíria escapou da pestilência que depois veio sob a Grécia e deixou a seus discípulos próximos das cidades porque com sabedoria os puderam socorrer, pelo qual beneficio a Grécia ordenou que a Hipócrates fossem feitas as honras e festas que a Hércules costumava-se fazer, que eram tão grandes como a que aos deuses faziam. Aristóteles no livro que se intitula *De Secretis Secretorum*, falando com Alexandre, no capítulo vinte e cinco, diz assim: Clementíssimo rei se for possível não te levantes nem te sentes nem coma nem beba nem outra ação faça, sem conselho de homem perito na ciência das estrelas. Pois se o astrólogo não soubesse os movimentos e lugares certos dos planetas, por não saber o tempo da criação do mundo, não lhe aconselharia Aristóteles que em todas as coisas que fizesse seguisse seu conselho, pois que não lhe diria verdade nem conseguiria por isto proveito algum, o que o desacreditaria como experto da verdade da ciência da astrologia como disse, aquele que por sua grande sabedoria e pela ação de filósofo é simplesmente entendido, como entre os teólogos nomea-se o apóstolo São Paulo nesse sentido, e entre os poetas gregos, o grego Homero como entre os latinos Virgílio Mântuano que versou, quando não o faziam, sobre a lei das pessoas, das instituições e do direito civil da lei natural. E diz Aristóteles no mesmo capítulo que todas as coisas são feitas por provável causa e certíssima razão. E inquirindo por esta via nosso Platão, peritíssimo doutor conhecedor

da natureza das partes compostas das qualidades contrárias e cores em sua geração, por comparação as coisas compostas, e por aquelas coisas alcançou a ciência das estrelas formadas, e falando com Alexandre diz:

Ao falar com Alexandre Aristóteles conta dos dizeres dos tolos como são aqueles que afirmam que a ciência dos planetas é dificultosa e que ninguém pode recorrer a ela, porque estes não sabem o que dizem. Nenhuma coisa é dificultosa acerca da potência do entendimento, e por via da razão todas as coisas podem-se saber, assim que a ciência da astrologia é verdadeira, e mutio falsa a opinião dos pigios que a contradizem e a tem como incerta. Pois se segundo a sentença de Aristóteles os que fazem da astrologia dificultosa são julgados como imprudentes e vãos, por mais razão que pensem ter, são tidos como impéritos os que de todo modo a negam, aqueles que confessam que a tem por incerta e não verdadeira. Este erro cometem os pigios de pensar e afirmar que não é verdadeira a astrologia (que eles não sabem) ocupando o entendimeto de infinitos homens que tem por certo o que eles sabem e por incerto o que sabem os outros, e amam de coração a suas coisas e se aborrecem ou têm pouca consideração com as coisas dos outros, e julgam por salvo aquilo que pela rudeza de seu entendimento não pode alcançar.

Da enfermidade sobre a qual escreve o excelentíssimo filósofo e médico rabino Moisés do Egito, na vigésima quinta parte de seus aforismos, que diz dos ditos dos filósofos em que se sabe que vêm a alma enfermidades assim como ao corpo, entre as quais existe uma enfermidade comum da qual ninguém escapa e permanece por longo tempo. Esta enfermidade varia com aumento e diminuição, assim como as outras enfermidades do corpo e da alma são variadas. E esta enfermidade da qual falo agora é que cada homem crê que sua alma é douta e sábia mais do que é, e quer e deseja compreender todas as coisas que crê sem estudo e trabalho, e falo que tiveram esta enfermidade alguns dos que foram vigilantes e souberam alguma ciência natural, ou alguma arte mecânica ou ciência dentre as ciências positivas. E alguns destes falam da ciência que sabem, e também das outras ciências, das quais não sabem nada, são nelas pouco experimentados. E dizem suas palavras sobre aquelas ciências, assim como sobre ciência que conhece, sobretudo se para ele vem alguma felicidade ou sejam ouvidos, não são recomendadas para ninguém e enquanto é acrescentada e fortalecida esta sua felicidade do mesmo modo aumenta nele esta enfermidade até que chegue aos músculos e tome tudo com o tempo, e cai com ela pela razão das coisas que disse. E este fica assim por causa do tempo como pelo próprio estado daquele que diz tudo o que quer e

responde as razões contrárias da maneira que lhe apetece, e não quer confessar que há algumas coisas que ele não sabe, e esta enfermidade tanto entendeu-se em alguns que não contentes com o estado que dissemos, querem dizer e provar que as ciências que eles não sabem são inúteis e que não há necessidade de que ninguém as saiba. E não há ciência em todo o tempo da vida destes que seja aprendida, não somente a ciência que eles não sabem mas nenhuma outra que seja natural ou política. E muitos destes escreveram e copilaram coisas contrárias as ciências que não sabem. Finalmente esta enfermidade tem grande acidente e olhando com razão aos ditos destes conhecerá a qualidade de sua enfermidade e se estão próximos ou afastados da saúde. Salerno teve algo desta enfermidade segundo o que mais detalhadamente conta o mesmo excelente autor, os pigios foram com esta enfermidade atingidos e todos seus seguidores, e com ela foi atormentado Pico Della Mirandula, da qual não estão livres os que seguem por haver impugnado a astrologia sendo teólogo, porque enquanto teólogo não pôde repreendê-la por que não tratava disso a teologia, nem ao menos enquanto filósofo porque Aristóteles trata dela no Livro Do céu e do mundo, a quem interessa a credulidade nas coisas naturais e não nas palavras de Pico Della Mirandula, e portanto pelas razões sobreditas reverendíssimo senhor, está bem provado a astrologia ser uma das sete artes liberais, resta ao presente contar algumas das maravilhosas operações que por ela no mundo são feitas, e para que não digam os adversários que trago em meu favor apenas os autores que sobre ela escreveram, em cujos louvores se presume que haviam de falar bem, quero fazer recurso aos excelentes autores que dela, como de outras ciências, quiseram escrever, começando primeiramente com a verdadeira doutrina do sapientíssimo Salerno grego que no livro *De Sictis* diz assim: O médico há de saber as posições e naturezas das vilas e lugares e as diversidades delas, para que em qualquer região e cidade, este saiba escolher o que convém ao corpo humano, e possa assim mesmo aconselhar como reger aquele que está a caminho da Etiópia ou Índia (como agora fazem os espanhóis) que são províncias quentes e secas, e também aos que vão a Escócia ou a França, que são regiões frias e úmidas, e esta natureza das províncias e lugares esta escrita na astrologia, a qual não fariam recurso se fosse falsa aqueles que sobre coisas muito certas e naturais quiseram fazer o fundamento de sua utilíssima e verdadeira ciência, porque aonde deixa o filósofo ali começa o médico.

E no livro terceiro *De diebus creticis* no capítulo sexto diz o mesmo autor, eu volto a coisa que com grande estudo e grandíssima inquisição considerei e falei o certo que não perece, e é o que falaram os astrólogos do Egito e é isto: que a Lua significa

sobre os dias em que maneira estará neles a disposição do homem em sua enfermidade ou saúde, e é desta maneira que se aplicam a Lua algumas estrelas erráticas e são aquelas que fortuna são chamadas, aqueles dias serão para aquele homem conveniente, e se aplicam-lhe algumas estrelas que saem da qualidade destas erráticas que são as infortunadas, aqueles dias serão para aquele homem de lição e tristeza, e mais abaixo no mesmo capítulo diz: com isto e com o que convém aos astrólogos sobre isto poderá pensar, e saber isto para os enfermos. E por esta necessidade que o médico tem de saber o movimento e a natureza dos corpos superiores. Hipócrates compôs um livro em que o título começa assim. O divino livro que Hipócrates escreveu, é o maior que os médicos já fizeram sobre aqueles que estão enfermos segundo a existência e disposição da Lua. Hieronymo Manfredo esclarecido filósofo, médico e astrólogo fez um centilóquio de astrologia tanto para os médicos como para os enfermos dedicado ao ilustre João Giambologna, o segundo de Bolonha, no princípio do qual diz assim: Ainda que a medicina em si seja ciência perfeita, o médico ao trabalhar com ela sem a astrologia não é perfeito. Quão grande é o erro do médico sábio que de todo ponto carece o conhecimento das estrelas, porque nem ao dar os remédios, nem ao sangrar, nem ao fazer alguma outra obra, este tal médico não pode corretamente fazer, e sobre tudo isto nem a natureza da enfermidade nem o fim que há de ter não se pode perfeitamente conhecer sem observação das estrelas.

E por esta causa os sábios antigos do Egito juntaram a astrologia a ciência da medicina, porque procedia o médico por uma via e pela outra alcançava em seu trabalho o fim mais certo e verdadeiro. Sobre esta razão tratam muitas autoridades e excelentes autores como Herculano no prêmio do Comentário da Esfera. E porque entre elas não foi posto o que disse Santo Isidoro no capítulo catorze de seu quinto livro das Etimologias, acordo em escrever aqui: porque sua doutrina não é menos maravilhosa para aqueles que a lêem, é proveitosa a toda a república, para freiar a grande ousadia dos que com pouca ciência aprenderam e vão cuidar dos enfermos, não considerando o defeito que tem em não saber o que são obrigados segundo o quê o mesmo Santo Isidoro notavelmente declara, falando do princípio da medicina, na qual diz assim: por isso entre todas as disciplinas liberais não é contada a medicina, porque todas têm suas causas singulares, e a medicina contém as causas de todas, porque ao médico é mandado saber gramática para que possa entender e declarar o que lê, e também há de saber a retórica para que com verdadeiros argumentos possa definir as coisas que trata, e também a lógica pela razão que há de acrescentar para inquirir as causas das

enfermidades, e há de ser douto também em aritmética para saber contar o número das horas nas novas invasões ou acometimentos, e nos períodos de dias, que são os circuitos que fazem aquelas febres que em certos dias vêm e depois se vão, que como todo circuito, torna com ordem depois a voltar, e a de ser assim mesmo conhecedor da geometria pelo conhecimento que há de ter das qualidades das regiões e dos sítios dos lugares, nos quais há de enfrentar ao que a cada um convém. E não há de ser ignorante da música porque muitas coisas se lê sobre isto, que ela foi proveitosa para os homens enfermos, assim como de David se lê, que se livrou de Saul com a arte da música, de um ataque impuro que lhe atormentava, e Asclepiades famosíssimo médico sanou a um frenético com a música da sinfonia. Finalmente há de saber a astrologia para que compreenda a razão das estrelas e das mudanças dos tempos, porque assim como diz um dos médicos, com as qualidades dos tempos ocorrem as mudanças em nossos corpos.

De isso decorre que a medicina é chamada segunda filosofia, a primeira é a disciplina oficial e a segunda reivindica para si todo o homem, assim como a primeira, mas pela outra o corpo do homem é cuidado. E não somente a astrologia é necessária para saber da disposição dos corpos humanos, mas também para saber o tempo conveniente para fazer aplicações das medicinas, segundo Arnaldo de Vilanova em seu Antidotário, o qual do mesmo modo dizem que se compôs fazendo uso da astrologia, e isto diz também em sua prática Gilberto explicando que aproveita não somente a astrologia para a prática da medicina, mas também a teoria dela, para exposição de muitos lugares escritos nos livros de medicina. Como é no livro Da Epidemia do ar da água e postração. E para entender a carta dos aforismos em muitas partes corrige-se um terço, e em alguns capítulos do quinto na segunda carta do primeiro de Avicena, e a primeira e a segunda do quarto, nas quais obras há palavras obscuras que sem astrologia não podem ser entendidas.

E diz o esclarecido filósofo Juan Versorio no livro *De Longitudine et brevitate vite* que ao astrólogo pertence tratar da longevidade e brevidade da vida, da qual Aristóteles no mesmo livro quis falar em universal e proveitosa. Do mesmo modo, a astrologia serve para entender os livros de filosofia natural como parece o livro. Da Geração e Corrupção e o Do Céu e do Mundo e também os Metereológicos, e é útil também para a ciência divina que é chamada de Metafísica, que pelas coisas posteriores mostra-nos a investigação das coisas de seu fim intento e objeto, porque pelos corpos celestiais pontentíssimamente vemos o conhecimento do primeiro princípio, o que afirma Aristóteles no duodécimo da Metafísica, porque quando quis investigar o

primeiro princípio e o número das inteligências recorreu ao que Calipo e Eudóxio disseram, os mais doutos astrólogos daqueles tempos, e segundo o número das esferas que eles puseram ali se concluiu o número das inteligências e por todas estas causas se pode conhecer claramente a grande contribuição que a astrologia faz para todas as coisas, o que não poderia fazer sendo falsa, nem o Rashi⁴ sapientíssimo poderia curar com ela a dor dos rins com a figura de leão feita de certa constelação. Da qual Arnaldo de Vilanova no Eséculo de Medicina diz que aplicada aos lombos mitiga logo a dor dos que tem cálculos renais, e o mesmo no tempo do bispo de Burgos que curara a gota que tinha com um anel que por astrologia foi feito, do qual fala Velasco de Taranta no sexto livro de sua Prática, no capítulo sobre a gota. Pedro Aponense famosíssimo filósofo mostrara (por via de imagem por astrologia fabricada) a curar o enfermo com a medicina não remediada, a composição está posta em seu livro chamado Conciliador, e nem esta nem outras pelos antigos foram compostas, nem em seus livros escritos, se por experiência não houvera falado ser verdadeiras algumas das quais no terceiro livro *De vita celitus* se compara estão referidas na composição de Marsílio Ficino, as quais sem faltar palavra, refere o moderno doutor Torrellas, não acrescentando em seu livro a falta e o erro que o impressor fez em algumas partes do dito Marsílio. Nem Moisés douto na ciência das estrelas fizera o proveitoso e verdadeiro anel de esquadrão com o qual Thaybis a filha do rei de Etiópia que havia casado por amor, se esquecesse do amor que lhe tinha para que ele tivesse oportunidade (como teve) de tomar o Egito, segundo diz o mestre da história escolástica no sexto capítulo do êxodo o qual conta Vicencio em seu espéculo no capítulo segundo do livro segundo, em que não é especificado o lugar que se refere Antônio na primeira parte do quarto capítulo do segundo livro, e segundo diz Josefo historiador digníssimo a quem Nicolau de Lira faz referência no XII do Gênesis, que Abraão varão caldeu santíssimo ensinou aos egípcios a astrologia, pela qual não somente conhecemos a natureza e diversidade dos corpos criados, mas também da alma e dos corações humanos, pelo que diz Santo Isidoro no capítulo IX de suas Etimologias, que segundo a diversidade do ar e dos climas assim são as caras e as cores dos homens e as características dos corpos e a diversidade também de seus corações. Quais planetas e signos tem domínio sobre cada clima: largamente foi declarado por Ptolomeu em seu Quadripartite, assim que a astrologia é muito certa e verdadeira ciência, pela qual tantas

⁴ Leia-se Rabino

e tão maravilhosas coisas se sabem e se obram, ainda que não saiba a astrologia o tempo da criação do mundo.

A verdadeira e muito proveitosa declaração que se teve acerca das várias e diversas opiniões que sobre astrologia foram escritas por causa das muitas conjunções que no mês de fevereiro deste presente ano de mil e quinhentos e vinte e quatro no signo de peixes foram feitas, dividida por capítulos. E composta pelo mesmo famoso autor Alvaro Gutiérrez de Torres de Toledo. Dirigida também ao ilustríssimo senhor D. Afonso da Fonseca arcebispo glorioso de Toledo e primado excelentíssimo das espanhas.

Primeiro capítulo: no qual se prova o número dos anos desde Adão até o dilúvio geral, que foi no tempo de Noé que coloca o sapientíssimo rei D. Afonso em suas tábuas ser o mais comum e verdadeiro, e neste caso é mais certa a sentença dos setenta intérpretes e não a dos Hebreus.

A efficientíssima prova e ilustríssimo senhor comprovam que não há erro algum nas tábuas que o efficientíssimo rei Don Afonso compôs por não saber o verdadeiro tempo do princípio do mundo e pôs a doutrina em nosso breve compêndio, mas para maior declaração de sua verdade disso digo que bastou colocar o glorioso rei os lugares certos aonde os planetas estavam e o verdadeiro número das eras para fundamentar as tábuas sobre aquelas raízes certas e bem averiguadas, também com perfeitíssimos instrumentos, como por excelentíssima doutrina dos sábios que tiveram as ditas tábuas que comumente são chamadas de afonsinas. Na composição das quais dizem haver gastado o generosíssimo rei dez anos quando pôde somar a renda da cadeira apostólica. Portanto, não é de creer que tão sábio varão quisesse perder tanta soma de dinheiro, se não estivesse bem certo, que o conselho dos astrólogos de todo o mundo procurou reunir (de forma que a famosa obra das tábuas havia de ser maravilhosamente fabricada) era o mais correto e verdadeiro entre todos os sábios daquele tempo. Ainda que digam os pigios que se enganou em quase todas diferenças das eras que colocou em seus trabalhos, e também ao contar desde o princípio do mundo até o dilúvio de mil duzentos e quarenta e dois, colocando a Sagrada escritura sobre os judeus somente em mil e seiscentos e cinquenta e seis, excedendo o ilustre rei a data verdadeira dos judeus em quinhentos e oitenta e seis anos, o que não é pequena diferença.

Não pode-se dizer que o ilustríssimo rei se enganou, aonde há diversidade de opinião, por seguir aquela que é mais verossímil e mais propensa a verdade, porque este mesmo número de anos da criação do mundo até o dilúvio convém a saber: dois mil e duzentos e quarenta e dois, afirma também Eusébio de Cesareia, o que São Jerônimo grego, traduziu para o latim por ser autor aprovado e muito verdadeiro. E Santo Isidoro no capítulo dezessete do sexto livro das Etimologias considera como autor aprovadíssimo o mesmo Eusébio no capítulo trinta e seis do quinto livro. Concorda e tem este mesmo número do rei sábio, o que, do mesmo modo, os setenta intérpretes não contrariam, nem Osório autor digníssimo, cujos elogios estão postos no capítulo Santa romana, da décima quinta distinção aonde seu livro está aprovado como bom, tal opinião tem estes por má, porque é a mesma que do ilustre rei havemos contado. Assim que não merece o esclarecido rei ser repreendido por haver seguido a opinião de tão excelentes autores que geralmente são homens excepcionais.

Ao meu ver erram muito aqueles que dizem que a opinião dos judeus é a verdadeira, porque entre os judeus há duas opiniões contrárias. Uma é a que está dita acima, e a outra é de Josefo, varão judeu doutíssimo que desde Adão até o dilúvio afirma dois mil e seiscentos e cinquenta e seis anos, excedendo em grande soma a conta dos judeus que está dita. E também diz que neste ano quarto de Sidom, foi edificada a cidade de Tiro, antes do templo de Salomão, em trezentos e quarenta e oito anos, tal número excede o dos judeus por dez anos. E colocou também desde a destruição de Jerusalém até Tiro ter cem anos, sobrepujando a conta dos judeus em setenta anos. Pois se Josefo sendo judeu não teve por certa a conta dos judeus, ocasião já explicada, pode-se afirmá-la e tê-la por verdadeira. Sendo como é, descartada por Beda (a quem a Igreja segue) não a consideram. Nem mesmo nenhum cristão a deve seguir, principalmente tendo o texto evangélico de São Lucas no capítulo terceiro, pelo qual se conhece a discrepância da conta dos judeus daquela do sagrado evangelho, porque contando o santo evangelhista a geração de Josefo diz assim: que foi Sala que foi Canaan que foi Arphaxat. E os judeus depois de Arphaxat, contom logo a Sala, e deixam o tempo que há entre Canaan e Sala, que é cento e trinta anos, assim que pelo evangelho prova haver contado mal ou aquém os judeus, pois que nele está contado Canaan, a qual os judeus não citaram. De maneira que o que afirma a conta dos judeus faz a ciência se contradizer ou não saber corretamente o evangelho, ainda que estes sigam a opinião hebraica, creio ser mais por não saber estas razões que disse, e não por vontade deles próprios de seguir com pertinência opinião não aprovada pela Igreja, ainda que tenha

parecido bom aos que estas obras pigias e de seus seguidores leram e seguiram, nesta sua peregrina opinião algum doutor da Igreja como foi Beda, o qual a Igreja segue, como diz Antonino, na parte primeira do título quarto no primeiro parágrafo do capítulo quinto, que a opinião dos setenta e de Beda é a que comumente se tem.

Diz o cardeal Pedro de Aliaco no segundo capítulo de Concordância da verdade de astrologia, que é a dos setenta que provavelmente a Igreja segue. Poderia seguir a opinião de Vicencio ou Dionísio ou a de Santo Agostinho, senão quisessem ter por boa a do sapientíssimo rei, o qual santo doutor pouco diferencia do glorioso rei nos anos da primeira idade, colocando desde Adão até o dilúvio de mil duzentos e setenta e dois. E para provar que a opinião do ilustríssimo rei é mais verdadeira que a dos judeus digo que maior crédito se dá aos setenta intérpretes (cuja opinião seguiu o rei sábio) que não se dá aos judeus, segundo escreve o autor da Suma anglicana no primeiro tratado, terceiro capítulo da segunda diferença, clamando a Santo Agostinho no décimo quinto livro da Cidade de Deus em que diz: não é de creer que os setenta intérpretes em um tempo com um mesmo sentido e entendimento interpretaram, podiam errar, nem mesmo quisessem mentir quando nenhum interesse deles podia prevalecer. E bem se pode creer que os judeus (por haver transmitido a lei e também os profetas aos cristãos pela interpretação dos sagrados e santos doutores) mudaram algumas coisas em seus livros para que a autoridade dos livros dos cristãos fosse diminuida. De forma que parece claramente que a sentença dos setenta intérpretes sobre a idade do mundo é mais digna de crédito que a dos judeus, a qual o próprio autor tem como mais verdadeira, recorrendo a Santo Agostinho no capítulo catorze do décimo quinto livro da Cidade de Deus. As palavras dele dão a entender que a opinião dos setenta intérpretes foi mais revelada pelo Espírito Santo do que pelo posicionamento dos judeus. Até quem tenha a autoridade dentre os setenta intérpretes (salva a honra da língua hebreia) a todos os intérpretes a de ser preferida, diz Santo Agostinho no sumário do capítulo centésimo quadragésimo quarto do décimo oitavo livro da Cidade de Deus, no qual capítulo diz assim: Aquila e Símaco e Theodocio e o autor que na tradução não pôs seu nome, na língua hebreia traduziu em língua grega as sagradas palavras da lei. E a quinta edição foi a dos setenta intérpretes, a qual recebeu a Igreja como se fosse única, dela fizeram uso os povos gregos e latinos, alguns dos quais não sabem se há outra tradução. Esta edição em língua latina tem as igrejas latinas, ainda que os judeus digam que os setenta intérpretes erraram em muitas coisas, mas as igrejas de cristãos não julgam ninguém de ser preferido perante a autoridade de tantos homens, que para realizar tão grande obra,

pontífices foram escolhidos por Eleazar, porque neles ainda não havia aparecido um espírito (sem dúvida algo divino) senão nos setenta intérpretes, que como homens doutos entre si houveram de comunicar as palavras de sua interpretação, que eles se conformaram e todos quiseram que aquilo se registrasse por escrito. Aliás nenhuma outra pessoa que interpretasse deveu ser sobreposta a eles, pois neles apareceu grande sinal de divindade, e quem saiba transformar a língua hebreia em outra qualquer é verdadeiro intérprete se conformando com os setenta intérpretes. E se neles não foi visto ter congruência, creemos estar ali a divindade da profecia, e que o espírito que estava nos profetas quando disseram aquelas coisas, o mesmo estava nos setenta intérpretes quando ocorreu aquelas interpretações. Por todas essas palavras de Santo Agostinho se manifesta a autoridade grandíssima que em todas as coisas que disseram há de ser creditada aos setenta intérpretes, assim que o sapientíssimo rei não pode ser repreendido por errar por haver seguido opinião aprovada de santos e tão grandes autores. E por isso não posso pensar a causa da grande ousadia e pouca conformidade que tiveram aqueles que proferiram palavras injuriosas contra a magestade que foi rei natural. E benemérito destes reinos, o primeiro (faltam os felicíssimos anos do ilustríssimo senhor Don Carlos rei de Espanha e dos romanos) que por suas grandes e nobríssimas virtudes estando em Espanha foi merecedor de ser eleito e chamado ao império, e senhorio romano como longamente dissemos na história.

Dizem estes pigios que pelas tábuas do nobríssimo Don Afonso não se pode saber os lugares na oitava esfera, aonde se fazem as conjunções e eclipses porque as ditas tábuas estão feitas sobre a nona esfera, ainda que os tempos por ela se possa saber. Primeiro haviam ditto que o ilustre rei se havia enganado no tempo de quase todas as eras, e depois dizendo que pelas tábuas se pode alcançar e saber os tempos verdadeiros das conjunções e eclipses ainda que não os lugares em que se fazem. De maneira que eles são contraditórios em seus ditos e aprovam a questão do tempo, o que haviam repreendido anteriormente, e por esta causa sobre este artigo não merecem ser cultivados, ainda que a razão que faz ser verdadeiro o tempo nas tábuas, está mesma, conclui com outras ser certo o lugar, o que é contraditório da parte deles. E posto que pelas tábuas reais não se pudessem saber (como eles dizem) os lugares dos eclipses e conjunções segundo o curso da oitava esfera, não por isso os sábios astrólogos de nosso tempo haviam de ser chamados adivinhos nem arúspices pois há outras tábuas por onde os tais movimentos se podem saber, como são as tábuas que fez Azarquiel, as não variants, e também as herodianas e outras que estes não sabem que existem no mundo.

E se pela nona há de ser feita a figura do movimento dos planetas, segundo a qual fundaram suas raízes os astrólogos orientais e os mestres das provações. Como foi Ptolomeu e Geber Albategni, e o judeu Abraão a copiou, o que consta pelas tábuas que eles fizeram, e pelas tábuas pisanas e *vutentonienses* pelas quais fizeram seu juízo. Não merecem repreensão os que a tais princípios de astrologia quiseram seguir. E por isto se conclui que não é inconveniente como aqueles dizem, que quando o Sol entra na cabeça de áries na nona, que não seja então equinócio, assim seja depois ou antes, ocorreu da mesma forma, pela variação da seção da oitava esfera, e do Equador respeita-se o princípio de áries do primeiro movimento, tanto em uma esfera quanto em outra, por algumas tábuas e por outras se pode notar pelo astrólogo perito: sabendo o movimento e os lugares de ambas as esferas será mais douto (que nenhum outro) para saber se guiar segundo o quê em aquele caso nos cânones dos astrólogos está escrito.

A conta das tábuas do senhor rei Don Afonso sobre o movimento dos planetas e conjunções, ao ser feita pela nona senão pela oitava, diz *Johannes Lucilius*, na exposição das ditas tábuas, na qual diz assim: Deixamos as proporções das tábuas do primeiro movimento porque o rei não fez nenhuma, aos estudiosos de astrologia enviamos as tábuas do primeiro movimento, que são intituladas *Directiones* de João de Monte Regio, e que são feitas na oitava e não na nona esfera, o que se prova também pelo que disse o cardeal Pedro de Aliaco no livro *De Concordancia Veritatis* capítulo segundo do verbete xx. No qual diz que as considerações astronômicas que demonstram os movimentos e conjunções da oitava esfera das estrelas deverão ter nas tais contas prioridade. E por isso o rei seguiu em suas contas as seguintes considerações, que seriam dos tempos das grandes conjunções. Assim que as contas dos movimentos que estão nas tábuas reais são da oitava e não da nona, como dizem os pigios, os quais não podem negar as raízes que estão nas ditas tábuas, são todas da oitava esfera e não da nona e também os ascendentes que dos lugares se escreveram, por que em tempo de dilúvio, nem Alexandre nem Aristóteles faziam nestas coisas consideração a nona.

Ainda parece confuso afirmar que o rei sábio pôs as contas dos movimentos na nona, sendo todas as raízes da oitava. Diz João Ganiveti no capítulo sexto da primeira diferença, que a nona esfera (ou o primeiro movimento que é todo uno) cerca e rodeia a todas as outras esferas inferiores, e traz consigo o céu estrelado pelo movimento diurno no espaço de tempo de vinte e quatro horas, de oriente por meio dia, voltando ao ocidente pela mesma via a todos os céus dos sete planetas. E nesta matéria o principal que deve ser considerado é que, o zodíaco da oitava esfera, na qual estão as estrelas e os

animais dos doze signos, com estrelas desenhada, recebe a influência do zodíaco do primeiro movimento, e todos os cálculos do ilustre rei Don Afonso de Castela (das quais usam de pouco tempo os astrólogos latinos daqui) estão feitas para a nona esfera, convém a saber o princípio de áries na nona esfera e a figura do céu se faz no equinócio da nona, e muitas coisas são reduzidas à nona esfera originalmente, quanto ao fundamento das causas naturais, e dizem que os movimentos e cálculos dos planetas facilmente podem ser reduzidos do zodíaco da nona esfera para o zodíaco da oitava, pelo número que é dito movimento da oitava esfera, qual movimento é o da cabeça de áries móvel.

E se as contas dos planetas estão na oitava esfera há de ser acrescentado o movimento e a distância da cabeça de áries móvel para saber o movimento e os verdadeiros lugares dos planetas no zodíaco da nona esfera, e este movimento se chama, nas tábuas do rei, movimento de acesso e recesso da cabeça de áries da oitava esfera, assim que não é inconveniente que algumas das tábuas reais sejam feitas na nona, porque podem ser reduzidas para a oitava, e as da oitava para a nona, porque por umas e outras podem ser sabidos os verdadeiros lugares dos planetas, maiormente que em algumas coisas uma tábua concorda com a outra, como se verifica nos argumentos de Vênus e Mercúrio que para a nona assim como para a oitava sempre são conformes, e esta razão que significa argumentos considera os epiciclos em uma e não na outra esfera.

Enquanto dizem que a nona não tem estrelas e ainda que as tenha que é de toda parte uniforme, de uma só substância, e que não pode causar efeitos diversos no mundo por não ter partes distintas que sejam da qualidade ou natureza dos planetas, que se possa dizer que esta parte do nono céu é da natureza de Júpiter e aquela de Vênus. Digo que não lhes provam por razão nem autoridade de algo a quem crédito possa ser dado. E por esta causa bem se lhes pode contradizer, porque ao nono céu dividem os astrólogos por signos e dizem ser a cabeça de áries da nona e também de libra, assim diz Georgio Purhachio (a quem os pigios trazem a seu favor) no capítulo O movimento da oitava. E eles não negam que quando o Sol estiver na cabeça de áries que o primeiro móvel é a nona, pois se a nona se divide por signos e os signos se dividem por graus, porque os signos da nona não tem a qualidade ou substância conforme aos da oitava, de modo que a nona seja conforme em sua natureza a oitava, ou a oitava conforme a nona assim que nela não haja estrelas, porque nenhum senhor pôde lhes dar esta virtude como lhes deu a oitava, e assim deve-se ter por certo, porque dizer que necessidade nova há de ter estrelas para obrar no mundo diversas maneiras de influência como faz a oitava, é ligar

a potência a Deus que não pode dar virtude aos signos da nona sem pôr estrelas nela, e porque dizer o contrário seria afirmar que não aproveita nada do desenho dos signos com linhas desenhadas, que Deus colocou na nona (o que como disse eles não negam) se não tivesse potência de influir alguma virtude na oitava, o que contradiz o que diz o texto do gênesis sagrado.

Escolheu Deus todas as coisas que havia feito e eram muito boas, pois em que pode consistir a grande bondade que Deus pôs na nona, senão tivesse poder ou virtude de influir na oitava. E se alguém disser que a grande virtude que tem é mover todas as outras esferas inferiores de oriente para ocidente pelo tempo de vinte e quatro horas. Digo que bem as podia mover sem que os signos desenhados estivessem nela. Os quais estão vazios de virtude porque na oitava não influem nada como dizem, e são também ociosos, porque a vista humana deles não pode gozar, assim que em vão foram no céu desenhados, pois que nenhum proveito nem deleitação deles se recebe, e digo isto: assim contradiz a doutrina do filósofo como a autoridade de Sagrada escritura já nomeada. Porque diz do primeiro céu e mundo que Deus e natureza nenhuma coisa criaram em vão, e no capítulo XXV do livro *De Secretis Secretorum*, diz que Deus glorioso nenhuma coisa vazia nem ociosa fez na natureza. Assim que muitos erram ao meu parecer, os que tiram o poder de influir da nona na oitava esfera, e que tenha esta potência a nona, provo-a por esta razão: porque os signos que estão na oitava esfera, desenhados por estrelas, são feitos como imitação dos que estão na nona divididos por linhas. Pois os da nona tem necessidade de influir sua virtude nos inferiores da oitava, feitos a sua semelhança. E é verdadeira e muito ligeira a influência da nona na oitava, pela semelhança que os signos de uma tem com aqueles da outra se prova claramente porque o filósofo diz: que fácil e ligeiro é o trânsito nas coisas que têm semelhança. E porque não vi livro que prove por razões a virtude da nona, porque os modernos a tem como muito certa e averiguada, acordo em dizer meu parecer mais para a condenação desses pigios e de suas seitas reprovadas, do que por ganância em fazer ostentação de argumentos e glorificar-me ao falar coisas sublimes e altas. Prova-se também a influência da nona na oitava, porque assim como as figuras inferiores e formas mundanas com as superiores procuram se conformar, as superiores influem sua virtude nas inferiores. Como na pedra imã claramente vemos que o ferro traz algo superior, e o ferro como inferior é convertido, e na ordem do Sol o homem inferior se maravilha com o superior, e com júpiter o superior é honrado pelo inferior, segundo Marsílio no capítulo décimo quinto de seu terceiro livro. Assim havemos de dizer que as formas

inferiores da oitava se conformam com as superiores suas semelhantes que estão na nona, e as superiores da nona influem nas inferiores da oitava, e que a virtude da nona é infundida na oitava, porque seria grande inconveniente dizer o contrário, qua as formas terrenas guardam a ordem que as orbes celestiais quebraram, nascendo delas por vontade divina toda a ordem da geração e corrupção de todas as coisas inferiores, segundo diz Aristóteles no terceiro A propriedade dos elementos.

Não se pode negar que a nona não tenha influência maravilhosa, porque houve respeito as outras esferas inferiores, ela é a primeira e assim por todos é chamada *primum mobile*. Pois certo está que a primeira causa mais influi que a segunda, e tudo o que pode a causa segunda, pode a causa primeira, por maneira mais alta e nobre como diz o ilustríssimo Prócuro no *De causis*. O qual do mesmo modo diz qua a causa universal primeira trabalha no causado da segunda causa, antes que a causa segunda trabalhe nele seu efeito, de modo que a nona é de maior virtude que a oitava, e influencia primeiro que ela. E querendo aplicar a este propósito o que disse Aristóteles no segundo da Metafísica quando o primeiro é causa do posterior, diremos que a nona influi na primeira, mas não a oitava na posterior que está na Terra e é causa de sua alteração. Esta conclusão fornece prova inteira contra os pigios e seus seguidores da doutrina dos teólogos, como diz Santo Dionísio e outros: a qual afirma que tal disposição de ordem está entre os anjos de todas as três hierarquias e que, aqueles que estão nas ordens superiores mais copiosamente gozam da luz divina, desta maneira recebida: naqueles que por comunicação é transmitida para os que estão na ordem inferior. E na ordem angelical esta lei é guardada: que na participação da graça e da glória uns são primeiros e outros segundos. Pois como a inteligência que move a nona esfera, é mais próxima da primeira causa que é Deus todo poderoso, e a inteligência da oitava que está mais baixa, temos de confessar a necessidade da sua inteligência, a da nona é de maior excelência e tem mais poder que a oitava porque esta é mais afastada da essência divina. E os serafins que são interpretados como ardentes ou incandescentes (sem nenhum intermédio entre eles e Deus glorioso) são mais próximos a divina magestade, e por estarem colocados mais próximos que outros, são mais que todos inflamados com a claridade da luz divina, e como as inteligências que movem os céus são do número das três hierarquias, havemos de dizer que guardam a ordem da comunicação que dissemos, assim que a primeira sendo de maior virtude e potência comunica com a segunda inferior, que está no oitavo céu, sua grande e maravilhosa

influência e por esta causa quiseram considerer seu movimento e alguns sapientísimos astrólogos fizeram tábuas para lhe encontrar.

Queria saber destas substâncias uniformes que dizem ter a nona, de que natureza são os sete planetas, ou se é de outra divina natureza deles e que operação ou influxo faz no mundo: porque se têm estrelas como eles dizem que não eram uniformes, porque a diversidade da natureza das estrelas que estavam nela eram de diversas substâncias e não uniformes, como eles afirmaram, que tendo ou não determinada substância sempre é uniforme, o que é impossível porque se a influência da nona esfera é diversa, segundo a natureza ou propriedade que cada estrela tivesse, assim não podia ser uniforme: e se queremos saber opinião de que se no nono céu existem estrelas digo que não é impossível que elas existam, ainda que não sejam vistas, porque o defeito de não ser vista não pode causar a privação delas no céu, nem mesmo por isso deixam de ter seus efeitos como aquelas que estão na oitava. Porque a grande distância que há desde a Terra até a nona impede-nos totalmente de vê-las, especialmente se são de tamanho menor e isto podemos ter por certo pois sabemos verdadeiramente que na oitava existem algumas estrelas que nunca foram vistas, como é uma das Plêiades, que está no signo de touro, tão afastada que hoje ninguém a pode ver, segundo diz Higino, e também as nove ocultas que o ilustre rei põe entre as trezentas e sessenta que estão na parte setentrional, até o círculo artico que aparece ao olhar para o céu quando a noite está serena e que o vulgar nomeia o caminho de Santiago, e o filósofo chama-lhe galáxia que é gerada por muita exalação quente e seca até a suprema religião, elevada pela virtude das estrelas muito grandes e muito resplandcentes, chamadas expandidas, que quer dizer espalhadas, e outras contíguas são pequenas, tocando-se uma a outra faz parecer aquele rastro de luz que na galaxia aparece, as quais além da luz tem virtude por sua quantidade e grandeza, algumas atraem muita exalação e não tem virtude para devolver, de forma que reunida a exalação com o resplendor das estrelas sobreditas se faz o círculo chamado galáxia como diz Aristóteles literalmente no primeiro dos *Meteorológicos*, capítulo quinto. E começa este círculo na parte de gêmeos e volta pelo princípio de sagitário afastado de gêmeos segundo diz Alberto Magno no primeiro de seus *Meteoris*, tratado segundo e capítulo quinto.

Pela doutrina de Aristóteles e também de Alberto Magno temos como certo haver naquela parte do céu aonde está a galáxia muitas estrelas que fazem claridade, ainda que muitas delas por serem pequenas não podem ser pela vista compreendidas, porque assim mesmo não ousaremos dizer que elas também estão no nono céu, ainda

que não as possamos ver de forma alguma, pela grande distância que há daqui até lá e por não serem vistas não deixam de estar no céu e de ter a virtude grandíssima que Deus em sua criação deu-lhes. Esta opinião se confirma também porque as estrelas que estão nas patas direitas de câncer, segundo diz Higino são escuras, e uma delas se chama Zabuil, e não são visíveis ainda que sejam de primeira grandeza, porque a latitude de cada uma delas é tão grande até ao meio dia que jamais sobem ao horizonte. segundo diz o prognóstico do Repertório da mutação do ar, no capítulo décimo sétimo, pois como é certo que existem estrelas debaixo do horizonte que não podem ser vistas, não é inconveniente dizer que elas estejam na nona esfera ainda que nunca as tenhamos visto, nem poderemos ver, porque se não estivessem na nona esfera os varões famosos não se ocupariam de fazer tábuas nem todas suas considerações sobre elas. E não é de creer que sem nenhuma causa se movessem a fazer a composição das ditas tábuas, a não ser que tivessem certa experiência de sua virtude, e segundo isso devemos ter como certo que muitas das pequenas estrelas que vemos são das grandes estrelas que estão na nona esfera, ainda que pela grandíssima distância que existe da nona esfera até a Terra pareçam-nos pequenas, e não são da oitava esfera como muitos pensam: e que isto seja verdade prova-se da seguinte maneira: porque as estrelas de Saturno, Júpiter e Marte e dos outros planetas, exceto a Lua, segundo a nossa vista, não parecem estar nos céus inferiores debaixo da oitava, senão que estão no próprio oitavo, porque não alcançamos com a potência visiva a compreensão da existência de distância alguma entre os céus dos planetas e o oitavo céu, e assim parece-nos que todas as estrelas que vemos estão no oitavo céu, assim afirmamos com certeza, se o movimento que os planetas fazem debaixo do oitavo não mostrasse-nos o contrário, de maneira que o dito movimento das estrelas erráticas, diverso e afastado do que tem no oitavo céu, faz-nos ver e conhecer que o lugar aonde elas estão é muito brilhante e afastado do oitavo céu, cessando o dito movimento das estrelas erráticas e estando firmes em seus lugares, não tendo nenhum movimento como as estrelas do oitavo céu, diríamos que as erráticas que estão muito afastadas do oitavo céu estavam no próprio e não mais abaixo como de fato estão, e assim nosso entendimento estaria errado pelo defeito da potência visiva. E desta maneira erram os que dizem que a nona esfera não tem estrelas, porque todas as pequenas que vemos são da nona e não da oitava, ainda que não possamos compreender isso com a vista, porque todas as estrelas da oitava e da nona são fixas e não tem movimento diverso como os planetas. E por isso, pensam que todas estão na oitava e nenhuma na nona.

Portanto, se existem estrelas na nona, quem ousará afirmar que não tem virtude e potência grandíssima de influir nos elementos, ainda que esta opinião se possa sustentar, quero que notem os prudentes leitores que as razões que disse são mais para refutação deles, que a nona não querem atribuir virtude de influência, e para exercitar a inteligência (porque não trato de nada desta matéria por escrito) e não por vontade que tenho de fazer das estrelas nova profissão, nem mesmo de me afastar do que os famosos autores escreveram sobre isto, assim em astrologia como em filosofia. E concluindo digo que os signos ainda que por si sejam mansões que não tenham obras que são estrelas, não por isso, deixamos de lhes atribuir obras que diversamente atuam o Sol neles, segundo a diversidade de seus lugares, e que o sol encontra a matéria prematura de outra maneira disposta dos tempos passados, porque outra propriedade atribuímos a virgem e não a áries, ainda que tenha sido similar, por encontrar o sol de outra maneira, dispendo dos elementos no estio e não no inverno, segundo diz o prognóstico já alegado.

Segundo capítulo: que põe as causas porque os juízos dos astrólogos muitas vezes não são verdadeiros.

Com muita razão foram julgadas por boas as opiniões que Pigio disse ser falsas, repreendendo os astrólogos italianos, e Fernando de Encinas aos espanhóis, questionando se com razões naturais foram fundadas, e com autoridade deles que em astrologia por sapientíssimos foram considerados e não com argumentos falsos, nem por lógica, nem por outra ciência alguma tem fundamento de verdade, nem mesmo com injúrias e suas recusas, como fez Fernando de Encinas que chamou de feiticeiros e adivinhos os astrólogos com a mesma desvergonha com que se atraveu a repreender ao ilustríssimo rei Don Afonso. O que está muito afastado do que fazem os filósofos e varões virtuosos, especialmente dos cristãos a quem por lei divina é-lhes proibido levantar falso testemunho, mandado por preceito apostólico de honrar e obedecer ao rei segundo o que nas canônicas instituições está referido no capítulo *Solite de maiortate et obediencia*, a honra da qual ainda depois de sua morte gravemente pode ser ofendida segundo os casos que nas leis imperiais estão escritos como o *Codice de sepulcro violato per totū*. E da honra e acatamento que aos reis se deve longamente tratar as santíssimas leis das sete partes.

Pois como pode-se crer que guardaram as verdadeiras regras de astrologia para tratar disso com prudência, sem algum erro ou engano, aqueles que por dizer injúrias com rota consciência quiseram romper as leis divinas e humanas. Pelos tais pecados e por outros permite Deus que nas coisas da ciência de astrologia não digam verdade, porque estão afastados daquela que é a própria verdade e sabedoria, porque na alma malévola segundo Salomão não pode entrar sabedoria, apenas mentiras, o Senhor dá a sabedoria e dela vem-nos a ciência e prudência e diz o eclesiástico que toda a sabedoria é do senhor Deus, a qual não infunde nem comunica com os maus, porque aborrece-lhes segundo diz o salmo 118. E porque está escrito que a alma do justo é a filha da sabedoria e não a do injusto, que pelo pecado são feitos servos do demônio, pai e inventor da mentira, quer Deus que seus prognósticos e juízos sejam mentirosos e falsos, a segunda causa porque também não sabem o que é verdadeiro, porque alguns tendo falsa opinião de muitos gentios atribuem aos planetas a divindade que não tem e não dão a honra devida a Deus seu criador, tendo como muito certa e averiguada doutrina vir ao mundo por pura necessidade, o que pelas estrelas é decifrado, e não há outra maior potência que possa isso impedir, por isso permite nosso Senhor que não seja certo nem venha ao mundo o que eles tem prognosticado, e que seus juízos não sejam verdadeiros, para que saibam que a primeira causa que é Deus influi em todo efeito, e a segunda causa, segundo diz Antonino no título décimo sétimo do duodécimo parágrafo do primeiro capítulo, está provado que foi a causa do erro dos astrólogos que viveram no tempo do Papa Urbano, o terceiro, ano de 1185.

Acerca daquele tempo, diz Vicencio os astrólogos orientais e ocidentais, mouros, judeus e cristãos enviaram cartas para diversas partes do mundo em que afirmavam sem dúvida alguma que no mês de setembro havia de vir uma grande tempestade de ventos muito fortes e terremotos e mortandade de gente e condenações e discórdias e mudanças de reinos e muitas outras ameaças ao mundo. Os acontecimentos que depois se seguiram foram de outra maneiras daquela que eles adivinharam, a causa de seu erro pode ser por razão do eclipse do sol que ocorreu em 13 de fevereiro do ano de 1177. Em determinada hora do dia, estando o sol no signo de libra, que é do ar de maneira que julgaram a futura vastíssima tempestade de vento. Ao considerar a grande conjunção que havia precedido o ano do senhor de 1166, que foi graças a alteração da triplicidade de fogo em triplicidade de terra, que estava em 27 graus de capricórnio, o feito da qual havia de durar por longo tempo, mas a influência daquela conjunção era contrária a influência do eclipse que estava no signo de libra. Pelo que os sapientíssimos

astrólogos pelas grandes conjunções dos planetas superiores e pelas aplicações que deles procedem a ciência e conhecimento dos grandes acidentes que vem ao mundo, segundo a sentença de Ptolomeu no Centilóquio, verbete sestagéssimo quarto. E esta é a sentença que há no capítulo, primeiro da sua oitava parte e também das outras: diz que para saber as coisas gerais de todos os gêneros do mundo, que há de se saber os ascendentes das conjunções ou prevenções que se fazem antes da entrada do sol em áries e do ascendente da mesma revolução e do ascendente da própria conjunção dos planetas que precede e própria revolução e o lugar da Lua na revolução e a conjunção dos planetas e também a conjunção e oposição deles e os lugares da oposição e conjunção dos ascendentes e os anos das maiores conjunções, e se todas essas coisas forem salvas significa salvação, e se forem impedidas significa danação. E segundo o que ali diz no mesmo lugar, dos acidentes dos dilúvios e terremotos se deve tomar as significações de Saturno, quando seus raios estiverem em signos de água ou de terra e ele tiver senhorio na revolução e na raíz, ou estando a Lua dele infortunada. E nestes tais juízos para dizer verdade temos de ir a raíz porque segundo Ptolomeu, no verbeito alegado, quando um fala de uma conjunção menor há de saber a raíz de onde procede e convém saber a conjunção média que passou e, por conseguinte, a maior e depois a máxima porque há maior conjunção das significações conjuntas e as outras menores que seguem as dividem, e esta é a intenção de Haly ibn Rodoan quando diz que a raíz há de se saber, de maneira que convém primeiro saber a raíz e, por conseguinte, focar no mais particular, pelo qual conta que sem a consideração das grandes conjunções não há de fazer juízo o astrólogo dos grandes efeitos futuros que há de chegar ao mundo universal, e não de lhe senhorear por muito tempo, porque as significações das revoluções anuais não são fortes, senão transitórias, porque não excedem seu ano, nem mudam o mundo universal, porque nas outras, existem outras figuras e disposições celestiais dos planetas e estrelas, pela diversidade das regiões e climas. Esta é a doutrina do cardeal Pedro de Aliaco no capítulo vigésimo quarto. E porque o juízo do reverendo mestre não teve consideração a estas regras tão abertamente postas e declaradas por estes excelentes varões, errou em dizer que por quatro meses contínuos havia de chover de forma geral pelo mundo, porque não foi determinado as províncias específicas e que os meses chuvosos seriam novembro e dezembro e janeiro e fevereiro do ano de 1524.

Tal erro não manifesta somente o que eu tenho dito, mas também um princípio muito claro e verdadeiro da filosofia natural, que não há efeito aonde não há causa, e que acabando a causa acaba o efeito. De forma que não sendo feitas as conjunções do

mês de fevereiro do ano de 1524, que haviam de ser a causa da alteração e mudança dos elementos, não havíamos de sentir o efeito que era a água por três meses ante o juízo prognosticado, pois o astrólogo que afirma que virá no mundo um grande efeito não existindo a causa que lhe há de produzir e fazer vir, nem ao menos está convencido de seu erro em astrologia, por esquecimento ou ignorância em filosofia natural, porque os autores e sábios astrólogos abertamente declaram o efeitos que fazem as conjunções nos planetas depois que são feitas, e em que tempo mostraram seu efeito no mundo e não dizem nada antes que aconteça. Porque não há causa pela qual novos efeitos esperam ou fazem, e por isso falando o cardeal Pedro de Aliaco no capítulo sexagésimo sétimo do quinto tratado *De Concordancia astronomice veritatis*, diz que no ano do salvador de mil e trezentos e quarenta e cinco, aos vinte e quatro dias de março, em dezenove graus de aquário ou próximo, foi feita uma grande conjunção dos três superiores, a qual segundo os astrólogos significou diminuição de águas e defeito dos viventes e por conseguinte a peste, assim como depois mostrou a experiência, de maneira que as conjunções fazem os efeitos depois de feitas e não antes, e diz mais, que a dita conjunção foi causa de muitos males, as relíquias das quais ainda durou até seu tempo, porque este autor havia nascido quase cinco anos depois daquela grande conjunção e os feitos dela ainda não tinham acabado segundo ele mesmo diz.

João Ganiveti ao fim do capítulo quarto da segunda obra, diz que a conjunção de Saturno e Júpiter no signo de escorpião no ano do senhor de mil e quatrocentos e vinte e cinco, que foi mutação da triplicidade do ar em triplicidade da água, por mais de cinquenta anos depois de ocorrida se estendeu no mundo, e não diz nenhum efeito antes que esta conjunção fosse feita porque a consideração do sábio astrólogo é de inquerir o que significaram as conjunções dos planetas depois de feitas e não antes. Há também outras causas porque os astrólogos não dizem verdade em seus juízos e a primeira é pela ignorância que têm dos preceitos e regras que Ptolomeu e outros grandes sábios escreveram sobre astrologia. Entre as quais regras estão as que dão ao astrólogo o conhecimento dos lugares certos no céu e natureza das estrelas fixas, porque ajudam ou impedem os planetas ao tempo de seus aspectos ou conjunções, como afirmam todos os sábios que sobre astrologia escreveram, dos quais cuidam pouco os de nosso tempo, ainda que nisso (por ser muito necessário o astrólogo) o glorioso rei D. Afonso se mostrou sapientíssimo em suas tábuas, e isto é esquecido e não procurado no que diz

respeito ao estudo dos livros que tratam do judiciário⁵, perdendo as razões e princípios certos da própria ciência, como acontece a alguns juristas que se dão a saber como notáveis doutores, não cuidando de saber os textos que são a raiz e o fundamento da jurídica prudência, pelos quais os famosos doutores vem a dizer as determinações que mesmo sem saber nada dizem muito, não têm os princípios e o verdadeiro fundamento da ciência, como tiveram aqueles que escreveram antes deles.

A segunda causa é por não estarem resolutos da doutrina de Aristóteles sobre a natureza dos elementos e mutação dos tempos. Da qual fala o excelente doutor João Anglicano em sua suma, que é muito necessária ao astrólogo. A terceira por não saber considerar a significação dos cometas e estrelas secundárias, com as quais há de se conformar o juízo do astrólogo segundo diz Ptolomeu em seu centilóquio, porque estes cometas nunca aparecem sem fazer algum grande efeito no mundo, ou de morte de grande senhor ou de fome ou de peste, ou de outro grande mal segundo diz Antonino, na segunda parte do título décimo sétimo na segunda coluna do quarto capítulo. E São Gregório no começo da homilia do evangelho de São Lucas diz que haverá sinais no Sol e na Lua. Primeiro que a Itália com a lâmina gentílica foi ferida, vimos no céu batalhas de fogo resplandcentes com o sangue que pertence a linhagem humana foi derramado. E a mesma sentença diz Santo Isidoro no capítulo terceiro do décimo primeiro livro de suas Etimologias, dos sinais maravilhosos e monstruosos que no mundo são vistos, que nos ensinam e demonstram e dizem algumas coisas do que está por vir. E isto mesmo diz Antonino, na terceira parte no título décimo nono no parágrafo primeiro do capítulo décimo terceiro. Que no ano do senhor de mil e duzentos e sessenta e três, apareceu no céu uma nova estrela, a qual os sábios chamam cometa com grandes raios, saindo do oriente com grande luz até o meio do céu até o ocidente alcançava seus raios, e foi vista por três mesese e logo apareceu enfermo o papa Urbano, o quarto, e quando passou deste mundo logo deixou de aparecer, porque segundo os sábios do mundo significa grandes novidades e mudanças no século. Destas coisas fazem menção os filósofos e poetas, e claramente foram vistas as grandes mudanças que então no mundo se fizeram. Segundo diz Antonino todas estas coisas que disse foram consideradas de forma correta, é preciso dizer a verdade ao astrólogo de bom juízo e inteligência sutil sendo à mesma ciência inclinado, e ensinado por mestre ou doutor e especialista em astrologia, o estudo da qual há de ter por principal e não por acessório, porque a dificultosa e obscura

⁵ Leia-se Astrologia judiciária, astrologia preditiva.

ciência com exercício contínuo e não com intervalo de tempo é alcançada, não tendo maior ocupação em outra ciência que dê mais proveito ou contentamente que ela, como fazem a maioria dos astrólogos de nosso tempo. E tempo diurno é necessário para aprender a muito alta ciência da astrologia, bem se conclui do que Josepho varão prudente diz por estas palavras: ninguém pensa serem falsas as coisas que da longa vida dos homens antigos estão escritas, que pelas virtudes e gloriosos proveitos que cada dia esquadrinharam e inquiriram, assim da geometria como da astrologia Deus lhes dava mais tempo para viver que a nós de agora, porque as ciências não podiam ser aprendidas no tempo de 60 anos se sua vida não fosse prolongada. E segundo diz Santo Agostinho no capítulo décimo segundo do livro décimo quinto da Cidade de Deus, aqueles anos não eram lunares e portanto, maiores que os nossos, de forma que parece que os antigos santos padres derivaram a astrologia para nós. Carecendo, pois, destes necessários requisitos que disse, os astrólogos não podem dizer verdade porque não a sabem pela ciência nem mesmo pela experiência.

Outra causa que existe é a vontade divina porque não soam verdadeiros os juízos dos sábios astrólogos, e é desta maneira quando os prudentes astrólogos dizem algumas coisas danosas e más que no mundo hão de acontecer, colocando temor nas pessoas. Os homens de boa vontade e ainda os temerosos de tais futuros acidentes procuram aplacar a nosso senhor e sair do pecado. E outros buscam boas e santas pessoas e pedem-lhes que intercedam a nosso senhor e lhes suplicam que se livre da ira e tenha misericórdia dos pecadores e que não permita vir ao mundo o mal que nos juízos está publicado. E nosso senhor, ouvindo as piedosas orações de seus servos, suspende o efeito que pela significação das estrelas o astrólogo havia prognosticado, e não termina verdadeiro seu juízo quanto a opinião dos homens, ainda que quanto a verdade ele estava certo ao considerar a ordem da natureza. Segundo a doutrina que os sapientíssimos autores em seus livros escreveram se por vontade divina não foram impedidos. E muitas vezes por oração de santos varões, ou por fazer penitência dos pecadores nosso senhor teve misericórdia, e revogou a sentença que contra eles havia ordenado. Segundo o que mais contém no capítulo final da presente obra. E diz Aristóteles no vigésimo sexto capítulo do livro *De Secretis Secretorum*, que muito se aproveita em saber as coisas naturais que estão por vir, para que os homens possam se afastar do mal que pode vir com providência e diferenciação e naquele tempo suplicarão com grandes rogos ao muito alto ordenador de todas as coisas, que por sua clemência queira tirar aqueles males prognosticados. E ordená-lo de outra maneira que não seja danosa ao gênero humano,

porque Deus de tal maneira tem predestinado o que há de ser: por isso em nenhuma coisa é derrotada sua potência, segundo diz o mesmo autor.

Capítulo terceiro: que a diversidade dos tempos e os grandes acidentes que vêm para o mundo: não somente ao Sol mas também aos outros planetas atribuídos.

Dizem também que as mutações nas coisas humanas e os grandes efeitos são calculados somente pelo Sol e pela Lua e pelas conjunções feitas na elíptica e pelas oposições precedentes e não pelas conjunções dos três superiores que são Saturno, Júpiter e Marte, tirando os iluminados que são o Sol e a Lua todos os outros planetas tem pouca força, que recebem dos luminosos, e eles por si só pouco ou nada podem obrar, ainda que todos se juntem em um só, isto para mim é dificultoso de acreditar, porque é destruir muitas doutrinas que sapientíssimos varões escreveram sobre astrologia e tirar as potências e natureza que Deus pôs nos planetas, assim como em Saturno a qualidade de frio e seco, que a ele é atribuída, o que influi quando esta figura é usada como um princípio simples ou poderoso. E vê-se por experiência, algumas vezes no ano, quando ele faz conjunção com a Lua que logo refresca o tempo no verão ou aumenta o frio se é inverno, e se estando poderoso no céu não faz mudança na Terra, conforme a sua natureza, em nenhum tempo teria havido grandes frios nem excessivos gelos, como em alguns anos se viu mais que em outros, esses frios cessariam senão fosse pela mudança de tempo, sempre haveria de ser pela natureza do Sol. Ao qual o calor e a seca são atribuídos, e o ar sempre seria de uma maneira, da qualidade do Sol e da Lua: quente e úmido. E deste modo, não teríamos excessivo calor com seca, causado pelo domínio de Marte como em alguns tempos se viu. E haveria também cessado as chuvas e as muitas águas que temos contado no livro da história, e a grande e maravilhosa elevação das ondas do mar agitada com a validíssima e muito grande potência dos ventos, que fizeram perder muitos navios neste ano de mil e quinhentos e vinte e quatro, entre os quais estava uma das mais ponderosas carracas que por todo o mar se encontrava, que neste mês de março afundou, partindo de Gênova para Castela, na qual vinha o esforçado e generosíssimo cavaleiro Don Fernando de Silva, comandante de Calatrava, que por capitão geral da armada pesada havia passado com o papa Adriano sexto, quando este partiu à Roma para tomar posse do pontificado, aonde depois da chegada serviu-lhe fidelíssimamente como capitão da guarda, todo o tempo de sua vida. E foi a morte deste dedicado cavaleiro, acompanhada da miserável perdição

de trezentos homens, que na mesma carraca afundaram, muitos dos quais eram pessoas nobres e de renda que haviam querido navegar sob proteção e amparo deste esclarecido cavalheiro.

E não teríamos, do mesmo modo, excessivo calor com grande seca causado pelo domínio de marte, como em alguns tempos foi visto, e na França que é provincia fria como na história dissemos. De maneira que a diversidade dos tempos que frequentemente dissemos em uns é de seca e calor, em outros de frio e gelo, em outros de fome e peste, e em outros de águas e dilúvios e em outros de terremotos e colapsos de povos com aparecimento de fogos e cometas no céu, dá-nos a conhecer que estas coisas vêm para o mundo, por natureza dos planetas que predominam mais em um tempo do que em outro, segundo as qualidades que a estes são atribuídas, como a Saturno frio, gelo, terremoto; e a Marte calor e seca. Segundo o que abundantemente está contido nos livros de astrologia.

O Sol por si só não pode fazer tanta diversidade de tempos e efeitos como disse, porque sua natureza é contrária a toda destruição e perda, por ser a causa da geração das coisas criadas no mundo, segundo diz Aristóteles, que o Sol e o homem fecundam o homem, e os astrólogos nomeiam-lhe fortuna porque a vida universal por isso tem significado para nós, salvo quando por aspectos ou conjunções dos planetas for impedido ou amparado, que então faz-se estes grandes efeitos no mundo, porque os planetas inclinam a obra do Sol e da Lua e reduzem-na a natureza de suas obras, e por esta causa os acidentes dos eclipses sempre tomam-se dos planetas. Esta é sentença de Haly ibn Rodoan no capítulo sétimo do Quadripartite o qual segue João Anglicano em seu compêndio, a Suma do Tratado primeiro, capítulo quarto, da quarta distinção que diz ser falsa a opinião dos que querem atribuir ao eclipse do Sol e da Lua as mutações mundanas, e aos outros planetas pouco ou nada, porque Ptolomeu (a quem somente em astrologia recebe crédito) não atribui-lhes, ainda que eles digam que segundo Haly ibn Rodoan no capítulo oitavo do Quadripartite, e para maior confusão de seu erro olhem o que seu príncipe Ptolomeu escreveu na proposição LXIII do seu centilóquio, que contra eles diz: há de se olhar a conjunção de Saturno e Júpiter em um minuto e ver qual desses está mais alto em seu círculo breve (que é elíptico e traz o corpo do planeta) porque segundo a natureza desse julgará o mundo, e de forma semelhante fará com as outras vinte conjunções remanescentes. E Haly ibn Rodoan no mesmo lugar diz que as conjunções dos planetas entre dois e dois são vinte e uma, as quais no mundo são tidas como maravilhosas, não fazendo menção alguma dos luminosos, nem mesmo Ptolomeu

no verbete cinquenta no volume um do Centilóquio, aonde diz: não esqueças as cento e vinte conjunções que se fazem nas estrelas erráticas, porque nisso está a maior ciência das coisas que neste mundo são feitas.

Assim que com aquelas autoridades é consultada a notória decência dos que aos planetas queriam tirar o poder e natureza, que nosso senhor em sua criação havia lhes dado. Ainda que a eles (se alguma coisa soubessem de filosofia) bastava-lhes a doutrina de Aristóteles no segundo *De Generatione et corruption* que diz: o movimento do Sol e dos outros planetas no círculo oblíquo (que é o zodíaco aonde estão os doze signos) são causa da geração e corrupção das coisas inferiores, e não diz somente do Sol e da Lua, diz também quais se mostram ignorantes da escritura divina bem como da humana, porque por isso prova-se claramente não somente o Sol e a Lua, mas também cada uma das estrelas que tem sua virtude e natureza para fazer no mundo sua operação, porque de outra maneira, em vão seriam criadas e afirmar-lo assim seria um erro segundo diz Aristóteles no livro *Do Céu e do mundo*, que nenhuma coisa Deus e a natureza criaram em vão. E que cada estrela tem sua natureza e propriedade, diz-lo o santo profeta no salmo centésimo quinquagésimo sexto no verbete que diz, o Senhor conta a exorbitância de estrelas e a todas põe-lhes nomes, porque os nomes costuma-se por pelas propriedades das coisas segundo diz Simphoriano Camperio, no capítulo segundo, do livro intitulado *De Vita Celitus comparada*. E por esta causa foram postos os nomes aos anjos, para que por eles suas condições e obras a todos fossem manifestadas, segundo diz Santo Isidoro no capítulo quinto do sexto livro, como Gabriel que quer dizer fortaleza de Deus, porque foi enviado por Deus a virgem santa, para que lhe anunciasse que havia de vir ao mundo aquele para enfrentar os que estavam contra as áureas autoridades e vitória e triunfo havia de alcançar. Rafael é interpretado como cura ou medicina de Deus.

As obras e condições dos anjos declarei longamente na oração que fiz para a eleição do ilustríssimo cardeal Adriano, que fez o sacro colégio dos cardeais para o sumo pontificado. Desta declaração de nomes não discrepa a doutrina que dos legistas se torna instituída das doações, que os nomes hão de ser conforme as coisas, assim que concluindo digo que as estrelas erráticas e as outras grandes fazem também suas operações nos elementos e nos luminosos, não pouco ou nada como aqueles afirmam. E por estas razões se manifesta a falsidade da opinião que Agostinho Nifa, filósofo italiano, escreveu no livro que fez *De Liberacione ametu futuri diluui* no capítulo sexto, que nos livros que havia escrito sobre as estrelas provou que faziam efeito, mas não

como causas principais das coisas, senão como subalternas dos luminosos, e que isto é o que entende Ptolomeu no centilóquio. Esta opinião não me parece verdadeira, salva a opinião dos mais sábios, porque ou as estrelas tem virtude e natureza de poder influir e ter efeito nos elementos ou não, se elas têm, não há lugar para a submissão aos luminosos, porque não há causa para que deva ser feita, porque como as estrelas são corpos perfeitos e tem virtude e potência de influir, como já está provado, não tem necessidade de submissão alguma, senão de fazer seu efeito a tempo que tenham força na figura do céu. E para melhor entender como se faz esta submissão aos luminosos diz Agostinho Nifa que temos que considerar que em duas maneiras pode ser feita: uma é pela infusão da própria natureza que tem os luminosos, com expulsão ou privação do que as estrelas tinham, já que as estrelas não tinham nada. E aos luminosos novamente atribuí-lhes a influência tanto para a segunda quanto para a primeira, digo que se Agostinho Nifa quer entender que os luminosos por fornecer submissão privam as estrelas de sua própria natureza e põe-lhes a sua, este entendimento é falso, e é opinião muito fora da razão, contrária não somente a doutrina dos filósofos, mas também a sagrada escritura, e não há ninguém que não afirme ter grande confusão na natureza, que as estrelas perdem a virtude ou natureza que Deus pôs-lhes ao tempo de sua criação e recebem de novo outra dos luminosos, porque se isto fosse verdade concluiria-se já que a que Deus lhe havia posto não valia nada, e que era supérflua e demasiada, pois que pelos luminosos havia de ser tirada, e isto é falso porque contradiz o texto sagrado do gênesis, que diz Deus ter visto como todas as coisas que havia feito eram muito boas, pois era muito boa a natureza das estrelas, e não há causa nenhuma para que pela submissão aos luminosos fosse-lhes tirada e infundida outra influência, e afirmar o contrário é um erro notório, o qual segue-se a outro, que é repreender nosso Senhor de supérfluo, por colocar nas estrelas tal qualidade, ou natureza que por submissão aos luminosos fosse necessária ser removida. E segundo esta opinião Deus também seria repreendido de diminuto (o que nunca deveria ser dito) por não colocar nas estrelas a qualidade ou natureza dos luminosos, ao tempo de sua criação, para evitar esse circuito da nova submissão aos luminosos, porque segundo a doutrina de Aristóteles no primeiro livro da Física, em vão se faz por muitas vias e maneiras, o que por poucas pode ser feito.

Por isso digo que é boa a natureza que Deus pôs nas estrelas e é grande demência dizer que os luminosos tirariam-na, e no lugar dela se submete, o que é contrário a natureza de algumas estrelas, porque o Sol e a Lua são de natureza quente e

úmida e muitas estrelas tem a natureza de Saturno frias e secas, e outras frias e úmidas. Pois havendo tanta contrariedade e diversidade entre a natureza dos luminosos e das ditas estrelas, como pôde ser feita esta submissão que diz Nifa, sendo contrária a ordem da natureza segundo o que diz Aristóteles, que nas coisas que tem semelhança faz-se ligeiro o trânsito, e as que não a tem é dificultoso ou impossível. De maneira que pelas razões já ditas, ousaremos afirmar que não pode existir a submissão que diz Agostinho Nifa. E se quiséssemos dizer que bem se pode fazer, porque as estrelas não têm nenhuma virtude nem potência para influir nos elementos, seríamos contrários ao que diz o texto sagrado do gênesis: que Deus olhou para todas as coisas que havia feito e eram muito boas. Pois que bondade tinham as estrelas se de tempo em tempo novamente o Sol e a Lua haviam-lhe de infundir por não terem virtude. E, pois, com verdade não se pode afirmar que não tem isto, não há necessidade da dita submissão aos luminosos, porque também diz Aristóteles que Deus e natureza nenhuma coisa fizeram em vão, e foram as estrelas estéreis e sem proveito criadas, se falta tanto que são submissas aos luminosos, alegando estarem vazias de virtude ou qualquer natureza. Assim concluindo digo que a opinião do Suesano⁶ ser exorbitante e mutio contrária a toda a ordem que Deus pôs na natureza. E ainda que seja tido por natural filósofo não é de espantar que tenha esta opinião, porque como diz Virgílio, egrégio poeta, a todas as coisas podemos tudo, e do mesmo modo diz: também o bom Homero cochila.

Alguns erros dos que escreveram filosofia foram repreendidos em uma disputa pública em Roma, o muito esclarecido filósofo Senhor João de Montes de Oca, catedrático hispalense de filosofia na escola romana, varão doutíssimo em todas as sete artes liberais, na sagradíssima teologia e na língua grega suficientemente ensinado. E assim mesmo, aconteceu que o dito Agostinho Nifa confessasse por sua boca uma conclusão que havia escrito em seu livro diante de Marco Antônio Colonna, e muitos doutores e mestres e escolásticos, o que me faz no presente responder que era falsa a conclusão que foi mostada naquele livro que ele havia composto, aonde estava escrita a dita conclusão. Por esta causa foi feito grande estrépito com os pés e com as mãos, e com alguns silvos feitos pelos escolásticos, querendo dissimular a vergonha e confusão que havia recebido em confessar ele mesmo que sua conclusão era falsa, e no prosseguimento da disputa ele elogiou a si mesmo contra toda a doutrina dos filósofos. E repreendido sobre isto pelo sapientíssimo filósofo Senhor João de Montes de Oca,

⁶ Referência ao nome completo do filósofo Agostinho: Agostinho Nifa Suesano

afirmando o dito Agostinho que era lícito elogiar-se, respondeu com a ficção que fez o poeta Virgílio introduzindo a Eneias que disse: Sou Eneias o bom. As quais palavras disse diante do mesmo auditório em alta voz, como se a ficção poética fosse suficiente para dar-lhe poder de dizer jactâncias e louvores demasiados de si mesmo, e outras palavras em detrimento da virtude e honra alheia. O qual com inflama e puríssima soberba ousou dizer para a sapiência romana aos escolásticos, e inclusive a Aristóteles, que não ousou dizer tais palavras de si mesmo o muito sábio e doutíssimo filósofo Averróis nem jamais teve presunção de se igualar com Aristóteles, antes maravilha-se de sua grande sabedoria, dizendo no proêmio da Física que o autor deste livro é Aristóteles filho de Nicomaco, o mais sábio dos gregos: que nesta arte compôs outros livros, em lógica e metafísica, e compôs sobre as três artes de tal maneira que ninguém até o tempo de mil e quinhentos conseguiu corrigi-lo, ou acrescentar algo de novo. Pelas suas palavras ele (Agostinho) falou erros de grande quantidade, e encontrar tais virtudes em um indivíduo é coisa rara e milagrosa e o homem com tal disposição adornado, é digno de ser considerado mais divino que humano. E o mesmo fez o celebradíssimo príncipe da medicina Avicena que não se quis comparar nem igualar com o doutíssimo Saleno, afirmando, antes, ser seu intérprete na obra intitulada *De complexionibus etatũ* na primeira doutrina do terceiro capítulo.

Retomando o propósito da natureza do Sol e dos planetas, é de notar que Haly ibn Rodoan no primeiro Quadripartite de Ptolomeu diz que o Sol é de natureza convertiva com os outros planetas, porque junto com os úmidos causa umidade e com os frios, frieza. E segundo esta doutrina não dispõe dos elementos segundo sua própria natureza senão de acordo com o que está próximo. E a Lua segundo diz Guido Bonato é mediadora entre os céus e os planetas e os elementos, ainda que os corpos sobre celestiais façam operações nos elementos, sempre fazem mediante a Lua, porque ela esta posta entre os planetas e os elementos. De maneira que não podem ser mudados nem corrompidos os elementos sem que as virtudes dos planetas que lhes mudam se alterem, passando pelos raios da Lua ou sua potência. Assim que os planetas são os que alteram e mudam os elementos e não a Lua, porque por ela passam aos elementos a influência que recebe dos corpos superiores e não é bastante para desfazer nem tirar a tal influência senão como mensageira e pedagoga transmitir aos elementos boa ou má segundo a virtude que recebeu. E diz o sapientíssimo conciliador na diferença nona que pela conjunção de Saturno e Júpiter no princípio de áries, não somente é variada a natureza humana, mas também todo o mundo inferior é perturbado. Essa é a primeira e

máxima conjunção segundo Alcabicio e outros dizem acontecer, em novecentos e sessenta anos, de maneira que por tudo o que tenho dito e prova claramente que nem em todas as partes nem em todas as matérias considerou Ptolomeu os luminosos como príncipes como dizem os adversários. E que não lhes pudesse considerar príncipes afirma Aristóteles (a quem eles não podem contradizer) que no livro A propriedade dos elementos diz assim. A fertilidade e esterilidade do ano é feita pela permutação das estrelas em diversos signos sobre os sete climas. Assim não se faz somente pela permutação do Sol e da Lua como aqueles afirmam. E não me espanta que estes e outros erros afirme aqueles que carecem da verdade da ciência da astrologia., porque outros também que não estavam instruídos na verdade da filosofia (ainda que compreendessem mais que os pigios em astrologia) disseram alguns erros que estavam repreendidos nos livros dos sapientíssimos autores como: foram os platônicos que deram corpo aos anjos e disseram que tomavam as almas dos defuntos depois de longos tempos em corpos humanos, segundo conta Santo Isidoro. E os estóicos disseram que todo pecado era uniforme, que era culpado tanto o que furtava passas como o que roubava ouro. Os peripatéticos a uma parte da lama fazem eterno, e o resto, a grande parte, dizem que é mortal. Os cínicos, que pela imundice de sua desvergonha foram assim chamados, contra a honestida e vergonha humana em público tinham que fazer com suas mulheres acreditando que fosse lícito porque o matrimônio era justo e permitido, e assim predicavam que devem fazer deste modo, como os cachorros fazem publicamente nas praças, o que até para os bestiais elefantes é aborrecido, porque buscam lugares muito afastados e secretos para fazer geração, segundo diz Plínio no capítulo quinto do oitavo livro. Pois os epicuros (a quem os verdadeiros filósofos chamam porcos como os que estão envoltos no lodo) quiseram pôr o bem supremo nos deleites carnis, e afirmaram que a alma não era outra coisa senão o corpo e que não seriam nada depois de mortos, e que Deus nem governava o mundo nem fazia nada e disseram muitos outros erros, como também na nossa religião cristiana foi falado muitos dos quais estão reprovados pelos santos doutores da Igreja. E que também aconteça em astrologia não é de se espantar, nem por isto os prudentes astrólogos deixam de saber a verdade das coisas que estes ignoraram, e a astrologia é ofendida pelos erros destes mas facilmente se consola dos que compreendem a sua senhora a Teologia e a fé católica com perversas e muito falsas opiniões, muitas vezes quiseram-na macular e ofender, ainda que seja impossível segundo os cânticos que diz Salomão: Tu és toda formosa, Senhora minha e o pecado original não está em ti, e diz também o profeta: lei divina imaculada, e diz no capítulo

Igreja dos penitentes prima distinção, que a Igreja dos cristão não tem mácula nem rusga nem outra coisa semelhante, e neste propósito diz no capítulo *loquitur* na vigésima quarta questão que a Igreja cristã não pode ser adulterada porque é casta e não corrompida.

Capítulo quarto: A declaração da natureza da idade do mundo em que estamos. E do planeta que a governa.

Bem necessário é para quem quer prognosticar pela qualidade do tempo saber a idade em que estamos, se é quente, ou seca, ou fria, ou úmida, porque também segundo a natureza disso se conjecturam os acidentes dos tempos, segundo disse João Anglico em sua maravilhosa Suma. A esta nossa idade, ou a outra qualquer das passadas chama o dttto autor de a órbita magna do mundo. E faz grande consideração sobre isto, porque foi o primeiro cânone que escreveu para prognosticar sobre a quantidade do tempo. E segundo a doutrina de Aomar e de outros desde a criação do mundo até agora conta-se dezoito orbes grandes. E a que estamos começou desde o ano não cumprido de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e trezentos e quarenta e cinco e veio a ser o signo da grande orbe em leão, um dos doze signos que estão no zodíaco e dos planetas o senhor desta orbe foi a Lua, e o grau em que veio a direção ou divisão foi o grau décimo sexto de touro e seu divisor Saturno, assim que são passados desta grande orbe sessenta e nove anos até o ano de mil e quinhentos e vinte quatro, em que estamos, porque o senhorio da magna orbe dura pelo tempo de trezentos e sessenta anos. Sabendo já quem governa a idade que estamos será razão de dizer de qual qualidade é esta idade. E segundo o parecer do mestre grego Ciruelo diremos que é mais seca que outra coisa, porque diz que de cem anos para cá houve carestia de provisão em alguns anos mais por falta d'água que pela falta de suprimentos. Este parecer é o melhor juízo, não me afastarei disso que os astrólogos escreveram em seus livros, seguindo-os por considerar o que escreveram como mais certo, não o que os anciãos ignorantes neste caso poderiam dizer, e segundo a doutrina dos astrólogos, entre os quais está o doutíssimo cardeal Pedro de Aliaco, no livro já alegado, diz que esta nossa idade é mais úmida que seca, por ser o senhor da orbe magna o signo de leão e a Lua senhora dele, e Saturno divisor, porque o signo de leão é contado entre os signos chuvosos pela figura do navio que está nele, segundo diz o capítulo terceiro Os signos chuvosos, da primeira parte introdutória do repertório e prognóstico da mutação do ar. E a Lua é planeta chuvoso que não se

pode negar porque sua natureza é fria e úmida, e ela é a causadora do fluxo e refluxo do mar, e parte da chuva se toma dela de dia até Vênus. E de noite pelo contrário. E Saturno é frio principalmente e secundariamente é seco, ao qual os dilúvios são atribuídos segundo disse Albumasar no capítulo do terremoto no que é intitulado *Flores Albumasaris*. E se os anciãos querem dizer a verdade do ano de oitenta e quatro quando ocorreu a conjunção dos três superiores no signo de escorpião, que é frio e úmido foi chuva geral por toda Espanha, e não sei se ocorreu em outras províncias, na qual choveu por mais de setenta dias em alguns lugares, em outros por oitenta e noventa, segundo me disseram, e naquele ano cresceram muitos os rios e levaram muitas casas, e em alguns lugares as árvores que próximas delas estavam, e com a demasia de água caíram algumas aldeias, desabaram algumas colinas e tiveram outros danos. E no ano que a rainha católica Dona Isabel, de ilustríssima e gloriosa memória, faleceu caíram muitas águas, motivadas, segundo penso, pela conjunção precedente dos três superiores no signo de câncer. E no ano de mil e quinhentos e vinte e dois não faltaram grandes terremotos na Andaluzia e desabamento de lugares. E também na África com perdição de gente. Tais coisas a potência de Saturno, por ser divisor da nossa idade, são atribuídas. E neste ano de vinte e três não faltaram águas para fazer os pães com pedra é água das chuvas de algumas partes do reino de Toledo, e tiveram pão e vinho em vasta quantidade, e não vimos até agora, treze de novembro, fogos no ar como alguns disseram, porque em nossa idade vimos invernos tão chuvosos como será este que dizem do ano de vinte e quatro, o que amparo ao que eu digo, que a idade em que estamos é mais úmida que seca, porque se fosse seca não haveria acontecido nela tão grandes excessos de águas, o que vêm pelos planetas chuvosos, que estão poderosos na figura do céu, na idade úmida obram mais seus efeitos que na seca. Prova-se também nossa idade ser mais úmida que seca porque Saturno que é o grande motivador das águas e dilúvios está na triplicidade de água, segundo diz João Ganivetí quase no fim do quarto capítulo da segunda folha. Que no ano do senhor de mil e quatrocentos e vinte e cinco cumpridos trinta dias de agosto e dezenove horas com cinco minutos de hora, Saturno foi elevado sobre Júpiter em alguns graus e aconteceu a conjunção no décimo segundo grau em trinta e um minutos de escorpião, e foi esta conjunção a mutação da triplicidade do ar em triplicidade da água. O efeito dela dizem que não antes de cinquenta anos será evacuado. Porque a elevação de Saturno sobre Júpiter significa que a potestade eclesiástica em muitas partes, principalmente nas substâncias eclesiásticas da tēpora haverá de ser oprimida. Assim que Saturno está agora na triplicidade de

água, porque desde que nela entrou até que saia passarão duzentos e quarenta anos segundo o que todos escrevem. E outro tanto tempo estará na triplicidade de fogo, pouco mais ou menos.

Para mais verdadeiramente dizer os efeitos que podem obrar nos planetas quando estão em conjunção, é necessário saber se muitos planetas obram ou poucos, ou se obram tanto os poucos quanto os muitos em um signo só. A esta pergunta se responde pelo que no mesmo juízo complutense está escrito, que diz assim: e não é de creer que porque se ajuntem muitos planetas em um signo que por isso seja mais forte a conjunção do que se fossem poucos. Assim que a vastidão de planetas no signo de peixes não deve nos causar temor, porque tanto obram os poucos quanto os muitos planetas. Não alego razão nem autoridade para esta grande determinação, e falar sem fundamento é coisa vergonhosa, segundo diz o imperador na lei do Código de agrupamento. Esta sentença a tenho por incerta, porque em todas as coisas do mundo sempre vi a força e a potência ser dada e atribuída a maior parte e não a menor, e o conselho é mais reto e verdadeiro quando por muitos está aprovado e não por poucos: setenças dos canonistas moralizantes no capítulo A prodência dos delegados de escritório. E a corda três vezes torcida, como diz o primeiro capítulo Da trega e da paz, com maior dificuldade é rompida que a que está sozinha. E falando do caso presente digo que mais efeito obram muitos planetas do que poucos ajuntados em um signo. Assim diz o repertório do prognóstico da mutação do ar, ao fim do capítulo terceiro da quarta parte do livro. As palavras do qual são estas: que quando a motivação da chuva vier de dois planetas ou três ou quatro, no estio o ar será manso e de pouco calor, e não haverá muita água, salvo se a motivação vier de cinco planetas que no estio causarão água, mais ainda no inverno. Assim que mais obram muitos planetas do que poucos. E Alkabicio no capítulo terceiro de sua epístola Do ar e das chuvas falando quando o Sol estiver no princípio de capricórnio até a cabeça de áries, e com ele estiver algum planeta retrógado que haverá pouca umidade. E se forem três será umidade suficiente, e se forem quatro será umidade semelhante a dilúvio e mais forte no trimestre de verão que é março, abril e maio, que se conta desde o princípio de áries até o Sol entrar em cancer. Com esta mesma sentença de Alkabicio concorda João Anglicano no tratado primeiro da décima distinção ao fim do sexto capítulo. E falando sobre as natividades diz Haly Abenragel que a conjunção de muitos planetas no ascendente ao tempo em que nasce a criatura não significa humanidade, que quer dizer que não se criará o nascido. Segundo a exposição de João da Saxônia no comentário de Alkabicio sobre a parte *unaqueqz*

istaru domorum. Assim que mais fazem muitos planetas no ascendente do que poucos para tirar a nutrição dos nascidos, e em nosso propósito mais obrarão muitos planetas do que poucos como está provado.

Capítulo Quinto: Declara de que natureza é Saturno, e qual das qualidades se lhe atribue e se podem mudar ou acrescentar. E outra parte declara sobre Marte.

Coisa indigna me parece que nenhum autor sábio por consentir ou reprovar alguma opinião falsa queira dizer ou escrever razões não verdadeiras na ciência que escreve, nem com novos erros ou com outra falsidade, senão com verdadeiras razões ou autoridades há de consentir. E para que se possa conhecer a verdade do que digo quero que saibamos primeiro de que natureza é Saturno, e segunda a opinião do juízo de Alcalá Saturno é seco, ainda que nenhum autor o prove. A verdade é, segundo a sentença de Albumasar no sétimo de seu maior introdutório, que cada planeta tem motivação sobre duas qualidades, e segundo diz Alkabicio e diversos outros astrólogos a qualidade de Saturno é fria e seca, e sua frieza não se pode separar dele, Segundo Albumasar, porque é qualidade ativa que ao acaso aumenta ou diminui nele, Segundo a qualidade de seu lugar no círculo, ou no signo, ou segundo a qualidade do trimestre do ano, ou de outros acidentes, mas a secura de Saturno ao acaso mudou para outra qualidade, porque é qualidade passiva. De maneira que o que quis dizer é que Saturno é seco e suavizou a umidade das conjunções por estar elevado no signo de peixes sobre Júpiter. Não digo que Saturno é seco, senão que é frio e seco, nomeando-lhe da mais forte qualidade ativa e inseparável que tinha. E não da menor qualidade passiva que estava nele e podia mudar. Porque a denominação sempre há de ser feita pelo mais nobre, segundo diz Aristóteles. Assim que Saturno é frio e seco e não é somente seco como disse o ditto juízo e mais, afirmo que Saturno no signo de peixes não é frio e seco senão frio e úmido, segundo o que disse Albumassar no lugar alegado: que os planetas não podem perder as qualidades ativas de um todo, mas suas qualidades passivas bem as pode perder, assim que o planeta que é quente e seco pode perder a secura e no lugar dela receber umidade e ser quente e umido, de maneira que se Saturno e Marte se juntarem em signo aquático como é peixes, o calor de Marte é diminuído e a secura altera-se para umidade. E a frieza de Saturno é aumentada e sua umidade passa a ser secundária, Segundo disse Albumasar e também Anglicano, e por isso se prova que Saturno estando no signo de peixes é frio e umido e não seco, como disse o reverend

mestre Ciruelo, nem mesmo no dito signo Saturno estará elevado sobre Júpiter como disse o ditto mestre, antes Júpiter será elevado sobre Saturno, porque segundo entende Ptolomeu por quase todo (terceiro, quarto e quinto) Quadripartite, então um planeta diz-se elevado sobre outro quando em dignidades lhes submete. Evidência: quando um planeta está em alguma dignidade e outro é o senhor daquela dignidade se alegra o que está em sua dignidade, então se diz que está elevado sobre ele, esta é a primeira e mais ponderosa elevação que põe na Suma João Anglicano, e segundo esta doutrina Saturno em signo de peixes tem paz, que é uma dignidade, e tem determinação, que são duas dignidades, assim que ao todo são três dignidades. E Júpiter no mesmo signo tem casa que são cinco dignidades, e tem dois términos, e tem paz que conta uma, e ao todo são oito dignidades. De maneira que é Júpiter o que estará elevado sobre Saturno no signo de peixes, e não Saturno sobre Júpiter como disse o juízo de Alcalá.

Último capítulo: qual foi a causa do dilúvio geral, e como depois da paixão de nosso Senhor Jesus cristo alguns tiveram espírito de profecia, e para castigar os homens maus Deus fez vir os grande accidentes, e vieram os terremotos ao mundo, ainda que naturalmente venham pela influência dos planetas, e como o conselho e solitudine em demasia para fazer muita aparição é vão e de nenhum proveito, segundo a lei divina. E qual é o verdadeiro conselho que os católicos e prudentes astrólogos hão de dar aos povos quando temem as influências das estrelas que alguns efeitos danosos fazem chegar ao mundo.

A congregação dos planetas no signo de peixes traz o temor de muitas chuvas aos que não fazem outra consideração senão que os planetas todos se juntam no signo de peixes que é frio e úmido, não considerando como as ditas conjunções são feitas em diversos lugares no mesmo signo, e como os planetas são uns contrários a natureza do outro, o que é causa da diminuição da água, e também porque as primeiras mansões do signo de peixes são secas segundo diz Haly e Algaphat e Alkindo, e isso significa que as chuvas que estão nelas secam a umidade do mundo e assim impedem que haja dilúvio, e Mercúrio na entrada do Sol no vigésimo primeiro grau de escorpião, estando direto no mais alto de seus círculos posto em signo seco e de fogo, juntado com estrelas de natureza de marte, será causa de muita seca. E destruirá a umidade que pelos motivadores da chuva pode ser causada, e pelas conjunções que no mesmo signo ocorrerão de Vênus e Júpiter e Lua com Júpiter e Lua com Vênus que são benévolas

teremos certamente o aniquilamento daquilo que foi mal publicado, porque estas conjunções fazem o ar manso e não permite fazer dilúvio, como escreve Algaphat no livro *As Mutações das estações* e conclui-se isso também por Ptolomeu no Segundo do *Quadripartite* e não obstante o que diz Aristóteles no livro *A Piedade e Metereológicos*, que o dilúvio que aconteceu na Terra não foi senão pela comutação ou conjunção das estrelas no signo de peixes.

Porque segundo diz Alberto no livro *A propriedade dos elementos* no capítulo IX do segundo tratado, a causa universal do dilúvio foi esta: em que as causas sobre celestes e terrenas se juntaram para causar a inundação das águas, assim que foi sobrenatural por vontade divina segundo diz o texto do genesis, que Deus ofendido pelos pecados dos homens quis destruir o mundo, como agora pode haver mas não com as águas e sim com outros males pelo mundo (como dizem pela existência das conjunções no mesmo lugar que estiveram no tempo do dilúvio) pelas muitas ofensas que são cometidas contra a divina majestade, especialmente com o pecado da cobiça que tão arraigado está em vários tipos de homens que a outro estatuto não tem como adquirir, ainda que seja com muita ofensa de Deus e do próximo. E pela pouca caridade que os ricos e poderosos tem com os menores, não lhes querendo ajudar, nem aproveitar o que são obrigados pelo preceito divino de amar a seus próximos como a si mesmos, esquecendo também o que o sagradíssimo evangelho diz: o que a um desses menores fizeste, faz-lhe a mim. A transgressão disso e de outros divinos preceitos que fazemos não pode de outra maneira ser emendada senão com um grande castigo feito pela mão divina. Merlin escreve sobre este castigo, dizendo desta maneira: que depois que as águias e os leões passaram pela Espanha naqueles tempos havia de cair tantas águas quantas as de Noé e que aqui nunca foram vistas, e que renovaria Deus o mundo com homens bons, Deus é sabedor da verdade desta profecia e quando será cumprida. Ainda que as águias e leões de Flandres passarão a Espanha no tempo certo, e não antes. A profecia que Merlin disse do rei D. Pedro, como havia de ser cruel e mau para seus vassalos e morto na cela que agora se diz Montiel, foi verdadeira, segundo o que está escrito em sua crônica, deste Merlin diz o livro que *A Fortaleza da fé* é chamado na terceira página do livro *De monũ*, que depois que fez esvaziar o estoque de água começou a abrir o mistério das coisas futuras, assim que Merlin teve espírito de profecia, e o arcebispo Antonino diz o vaticínio de Merlin, na segunda parte da obra *História*, título treze no capítulo segundo do parágrafo sexto. E não é de espantar que tivesse espírito de profecia depois da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. O que negam

alguns que pouco sabem, porque outros também tiveram, como é o caso de São Metódio Mártir, de que São Jerônimo fala nos seus opúsculos, que profetizou o fim do mundo como o imperador Constantino, que também Constans foi chamado, desejando livrar a Itália dos lombardos, Constantino navegou até Atenas aportando em Tarento, e a primeira coisa que fez foi falar com um ermitão que dizia ter espírito de profecia. Assim que com muita diligência pergunto se poderiam vencer ou submeter o povo lombardo que estavam na Itália. O servo de Deus pediu-lhe o tempo de uma noite para responder, para que sobre isso suplicasse a nosso Senhor, e no dia seguinte respondeu-lhe dizendo: o povo dos lombardos não pode de maneira alguma ser vencido por alguém, porque uma rainha que veio de outra província edificou nos termos dos lombardos uma igreja em honra de São João Batista, e por isso São João constantemente roga a Deus pela gente dos lombardos, virá o tempo quando aquela casa de oração será pouco considerada, e então essa gente perecerá. O que provamos haver assim passado diz Paulo diácono no capítulo sétimo de seu livro oitavo, porque antes da perdição dos lombardos a Igreja de São João (que estava edificada em um lugar que pode se dizer modesto) por pessoas vis será ordenada, como indignos e adúlteros, aos quais não pelo merecimento da vida senão pela dádiva de prêmio era concedida, segundo diz o mesmo Paulo. E no tempo do rei Theodoro, ele esquecendo-se do benefício que a rainha havia feito a má sorte, e tendo o consentimento dos godos para que fosse aceito como rei da Espanha, a matou em um banho depois que se apoderou do reino, e começou a governar no ano da saúde crista de quinhentos e trinta.

No tempo em que foi São Benedito o ermitão que no monte Cassino fazia sua habitação, os elogios a ele foram ouvidos por Átila rei dos godos que governava a Itália (eram chamados de ostrogodos), e como dizia muito das coisas vindouras, com encantamento e reverência foi visitar o hermitão. E São Benedito disse-lhe assim: Átila afasta-te da maldade em que vives e conhece a Deus e saiba que reinará por nove anos, e que há de conquistar Roma, e com isto Átila partiu muito contente, e foi pelo caminho da Calábria e tomou toda a província, e passando pela Sicília a tomou com a força das armas, voltando a Roma onde fez um cerco, até que pela força da fome os romanos abriram as portas da cidade, Átila a tomou não consentindo que ali nenhum dano fosse feito, e o mesmo fez, segundo conta Antonino, depois de entrar em Nápoles, quando os napolitanos não podendo sofrer de fome por estarem cercados, abriram as portas da cidade e receberam-no dentro com todo seu exército sendo tratados com grande humanidade, especialmente com os que estavam enfermos por não haver comido,

salientando com grande diligência que não lhes dessem de comer senão duas vezes ao dia certa quantidade, e que de dia em dia fossem-lhes acrescentada para que não houvesse piora em suas saúdes, como alguém que desejava-lhes a vida.

Segundo diz Antonino também profetizou a santa mulher Hildegarda no ano do senhor de mil e setenta e nove, o que disse no livro chamado Revelação de Deus, dividido por partes e capítulos, parte terceira do décimo quarto capítulo está uma espantável profecia, aquela está também na Fortaleza da fé. Cirillo também na espístola *De ocurrentibus amlis inorbe* no símbolo vigésimo nono escreve outra profecia. E Santa Hildegarda profetizou, como conta pelo livro de suas revelações. E assim torna-se a nenhum propósito se alguém disser que essas conjunções são feitas por via e operação da natureza, nem poderá dizer que era açoite ou castigo que Deus queria fazer aos homens maus, a isto respondo que prodígios semelhantes (como os que contei) são feitos no mundo por vontade divina para corrigir os que vivem injustamente, o que faz Deus pelas causas naturais, pelas quais sua vontade é transformada em efeito, e estas causas naturais são os corpos celestes que obram nos elementos dos quais Deus faz uso, assim como os instrumentos, assim diz Alberto no primeiro A propriedade dos elementos, no capítulo IX do segundo tratado, declarando o mais digno dos senhores sabendo todas coisas futuras, ordenou na criação das estrelas que seu movimento fosse de tal maneira concentrado, que em certos lugares do céu se juntassem, para que fizessem grandíssima mudança e alteração danosa no mundo, ao passo que os pecados dos homens merecessem esta sentença, disse um teólogo viterbiense no tratado O futuro triunfal dos cristãos, contra os sarracenos na Terceira conclusão do último tratado.

E prova-se também estas grandes e temerosas alterações que no mundo acontecem de serem feitas pelos pecados dos homens, pelo que diz São Gregório na homilia do evangelho de São Lucas que começa *cum audieritis proelia* (com notícias de guerra), dizendo que haverá terrores e espantos no céu, e tempestades, no qual se mostrava a desigualdade do ar, e porque com todas as coisas pecamos, com todas devemos ser feridos e castigados. Esta sentença se confirma pelo que diz João Ganiveti na segunda página do capítulo terceiro. Que os graus em astrologia são chamados vácuos tenebrosos e até mesmo sumosos. São de fraca e maligna influência pois foram feridos por Deus depois do pecado de Adão, e quis que assim ficasse no céu para exercício e punição da natureza, ou podemos dizer segundo a sentença de João Viterbiense em sua terceira conclusão: assim como a providência divina preordenou às leis comuns boas influências para prêmio dos que bem e justamente vivem neste mundo, assim também

preordenou outros maus influxos para vingança dos homens cruéis e maus. E não repugna dizer que Deus castiga os homens com fome e peste e com açoite dos infieis, e com o influxo das estrelas e dos anjos, porque no livro da sapiência lê-se que de Deus arma a criatura para a vingança contra os maus. Assim que por estas razões os primeiros e mais certos conselhos e regras que aos homens deveriam dar os teólogos e astrólogos temerosos de Deus havia de ser para a salvação das almas dos muitos pecados em que estavam envoltas, especialmente, do ódio e inimizade que muitos têm uns aos outros por causa de acontecimentos passados do reino. E para fazer ter à Igreja e seus ministros mais veneração do que têm agora, que é pouca, não sem grandíssima ofensa a Deus, e estando as almas limpas do pecado, muito rapidamente nosso Senhor dá os mantimentos adequados ao corpo quando lhe falta, porque assim prometeu-nos, segundo esta escrito no evangelho, que diz primeiramente deve-se buscar o reino de Deus e depois todas as coisas serão-lhes dadas. Pois as provisões de carnes, peixes e farinha não são aparelhos para se livrar do pecado, nem para sarar o corpo da enfermidade, quando por pecado se instalou, segundo diz o santo evangelho que nosso Senhor disse ao lânguido que havia curado: e não queira mais pecar, para que não te aconteça pior daqui adiante, tais palavras estão referidas no capítulo. *Cũ infirmitas corporalis de penitencis et remissionibus* (a enfermidade corporal com penitência encontra remissão).

Ao menos é vasta a dita provisão para quitar a justiça que nos homens maus por vontade divina há de ser executada, assim que para alcançar a verdadeira provisão havia de ser de muita penitência e toda execução das casas de misericórdia, que observavam os preceitos divinos com amor e inteira caridade aos próximos: e estes são os verdadeiros preceitos e conselhos e provisões para desfazer o poder das conjunções e para não ter na guerra fome, sede e peste que dizem ser por isto motivado. Segundo o que escreveu, longamente, o doutíssimo varão Thomas Gotolano no prognóstico do ano de ..24. E retirados os pecados são retirados os efeitos e operações dos planetas, porque é verdadeira a regra que diz cessando a causa cessa o efeito, da qual temos texto na sagrada escritura, em que Deus dando sinal de que havia ouvida a oração lacrimosa de Ezequias e lhe havia perdoado e acrescentado quinze anos de vida, fez voltar o sol dez linhas para trás que completam dez horas que tinham passado desde o meio dia, e foi acrescentado ao dia vinte horas, o que nunca ocorreu antes ou depois, e voltou dez horas para trás, e outras tantas em voltar e fazer o Sol se acostumar no novo caminho, desta reversão do Sol trata o capítulo XXXVIII de Esaías, e não há dúvida alguma da

revogação que nosso Senhor fez da sua condenatória sentença quando com lágrimas e penitências é aplacado.

Deveriam morrer os ninivitas por suas maldades e pecados, avisa Deus através do profeta Jonas, em oração jejuam e demandam misericórdia e todos são perdoados, os vinte mil homens que viviam na cidade de de Nínive, como se lê no capítulo terceiro e quarto do profeta Jonas. E pela oração e rogo de Josué, Deus todo poderoso tirou a potência do movimento diurno que o Sol fazia a cada momento sem cessar pelo zodíaco, e fez-lhe ficar firme em um lugar pelo tempo de dez horas, e também a Lua, até que os filhos de Israel se vingaram de seus inimigos, e venceu os cinco reis, como se lê no capítulo décimo de Josué. E no tempo de São Gregório, Deus fez, pelos pecados dos romanos, grande penitência em Roma como acima disse, e fazendo penitência por conselho de São Gregório cessou a mortandade, segundo diz Antonino a maneira que tiveram de rogar a nosso Senhor foi esta: que em certo dia se ajuntou uma grande multidão de homens e mulheres de toda idade e condição para fazer uma procissão que *letania septi formi* foi chamada, porque com sete ordens foi por São Gregório dividida. E na primeira parte dela estavam os clérigos e sacerdotes como mais nobres e mais dignos do que todos os outros homens do mundo, porque pelos sacerdotes Deus fala, e eu digo que são deuses salvo excessões. E na segunda parte iam os monges e religiosos, e na terceira iam todas as monjas com suas abadessas, na quarta iam as crianças e os infants, porque Segundo o profeta: o louvor destes é perfeito diante de Deus, e na quinta iam as virgens, e na sexta iam todas as viúvas e continents, na sétima iam todos os casados e o restante das pessoas, o que foi tão aceito perante Deus que logo cessou a gravíssima peste que os fazia cair, e os mortos acordaram e bocejaram, segundo diz Antonino na segunda parte. Desta devotíssima procissão fala Eutrópio no capítulo quarto de seu oitavo livro, ainda na quinta parte diga que foram todos os leigos, e que na sétima todas as casadas, nãiguro é razão para impedir que a letanía fosse ouvida que, com tanta devoção e espetáculo com a qual sabemos que nosso Senhor irado quis ter misericórdia dos pecadores penitentes.

Prova-se também esta regra ser verdadeira, se considerarmos a causa do porquê as imagens na lei velha foram proibidas, foi porque então Deus não podia ser representado porque segundo a natureza divina Deus é invisível e infigurável, como se pela maravilhosa assunção da nossa carne fosse feito visível, sensível e palpável, em nossa graciosa lei nova, com justa razão, suas imagens foram permitidas, porque cessando a causa da invisibilidade, havia de cessar o efeito da proibição, e isto teve por

bem a santa madre Igreja por ser proveitoso para a instrução e doutrina, para nos recordar da paixão de nosso Senhor Jesus cristo, o qual foi Deus e homem, foi o primeiro que deu sua imagem (segundo conta a história escolástica) ao pintor do rei Abagaro que procurou muitas vezes fazer esta pintura, e não pôde, sendo impedido pela ofuscação da grande claridade que veio da cara do nosso Senhor Jesus cristo quando ele tentava-a pintar, e isto quis fazer nosso Senhor pela devoção do rei que lhe havia mandado pintar, Segundo o que nota Damaceno no capítulo oitavo do quarto livro das sentenças. E o mesmo fez no dia da sua Sagrada paixão, quando figurou seu preciosíssimo e santo vulto, e deu-lhe a Verônica. Tal figura esta hoje em dia na Igreja de São Pedro de Roma para grande veneração e reverência, e estão também outras que pintou São Lucas, segundo conta o mesmo autor. Por estas imagens há de ser Deus onipotente e honrado, porque nos conta o profeta no salmo octágésimo oitavo adorar não somente a Deus, mas também ao escabelo de seus pés porque é santo, e são proveitosas as imagens aos que não estudam as letras e nem saibam ler para que tenham mais rapidamente memória dos trunfos dos santos e sejam atraídos a bem obrar, tendo as ditas imagens no lugar de livros para serem instruídos e recordar continuamente o mistério da encarnação do filho de Deus, e também dos exemplos dos santos. Porque pelas coisas vistas mais que pelas coisas ouvidas é provocada no homem maior devoção, Segundo o que está mais longamente escrito na Fortaleza da fé.

E prova-se também esta regra ser verdadeira pelo o que aconteceu em Castela no tempo do rei Don Jerônimo. O qual sendo enganado por um maledicente mandou prender a Don Sudesteo, bispo de Oviedo. O que fez nosso Senhor Deus ficar muito ofendido, para que tão grande maldade não ficasse sem castigo enviou grande seca para a terra, de tal maneira que o povo com falta e carência de vitualhas era gravemente atingido. Porque autoridades e príncipes seculares não são permitidos a ofender ou tocar nos sacerdotes, antes isto é proibido segundo diz o profeta *Nolite tangere Christos meos, et in Prophetis meis nolite malignari* (Não toque em meus Ungidos, nem fará mal a meus Profetas). E por isso revelou nosso Senhor Deus a alguns religiosos que a peste que as pessoas tinham havia-lhes chegado pela injúria que foi feita ao bispo, a revelação chegou ao conhecimento do rei, que mandou logo soltar o bispo e colocá-lo em liberdade pelas mãos de Don Semeno, bispo de Astorga, a quem estava confiado. E logo nosso Senhor Deus enviou chuva voluntária, com a qual a terra produziu os frutos de costume, e o rei arrependido da ofensa que a nosso Senhor Deus havia feito, recebeu conselho dos prelados para dar esmolas, fazendo assim penitência para o sacrilégio

cometido. E por isso diz o arcebispo Don Rodrigo em sua História Geral, que com todas as suas forças procurou o rei restaurar a Igreja do senhor Santiago e outros lugares que Almançor o tirano ao destruir havia profanado.

Assim que é muito certa esta regra que cessando a causa, cessa o efeito. É também verdadeira em direito porque cessando a queixa feita pelo juiz, cessa a apelação pela parte acusada e pode na causa o juiz proceder. Capítulo *Cum cessante de appellationibus* (Com a cessação dos apelos). E a extrema necessidade de todas as coisas torna comum e ser lícito ao pobre (que de outra maneira não pode se sustentar) de aproveitar das coisas dos outros como se fossem suas: quando acaba os seus não é de direito de ninguém tomar os bens do outro, e por esta causa foi implementada penitência de jejum a quem com pouca necessidade furtou um carneiro para comer, segundo diz o capítulo: *Siquis propter necessitate de furtis* (Se tiver necessidade de furtos). Porque o bom já comete furto ao tomar as penas do cisne, como diz a glosa do parágrafo *Galinarum instituta de rerum divisione* (Métodos de divisão dos galináceos). É muito certa, do mesmo modo, esta regra em filosofia natural porque saindo a alma do corpo (que por ela vive e sustenta-se) logo o corpo murcha e perece, segundo diz Aristóteles no primeiro *De Anima*, e segundo parece pela experiência que disso temos a cada dia. Esta regra é também verdadeira para a astrologia, porque se retirada a luz do sol as estrelas podem ser vistas ao meio dia, porque sua luz mais forte impede que as vejamos, segundo diz o comentador no segundo *De anima*, e por esta causa algumas vezes se há visto as estrelas ao meio dia, quando o Sol está eclipsado (com a interposição da Lua entre ele e nossa vista, não podendo estender os raios de sua claridade para a terra) prevalece a escuridão e as estrelas se fazem visíveis para nós, como foi no tempo do potentíssimo rei Recesvinto dos godos, era de César de seiscentos e noventa e cinco anos, e muitos (segundo me disseram) viram, não sem grande temor, o dia tornar-se noite com o aparecimento das estrelas por outro eclipse solar que foi ano da saúde humana de mil e quatrocentos e setenta e oito.

Sendo pois verdadeira esta regra para todas as ciências que disse, ousou afirmar e dizer que cessando a maldade dos homens e fazendo penitência de seus pecados cesará o castigo, que tivemos bem merecido, ainda que pela congregação dos planetas no signo de peixes ou em outro qualquer tenha determinado significado e não haverá necessidade de fazer grande aparato de vitualhas, nem cuidaremos do cauteloso aviso de guardar provisões, pelo sim ou pelo não, segundo a regra do juízo de Alcalá, deve-se agir com diligência, e todos terem em suas vidas boas obras e melhora nos costumes daqui

adianta. E assim rogo que o façam todos os que leram este livro. Porque quem guarda com grande cuidado para que não falte amanhã, ou outro dia, faz por ter desconfiança da abundantíssima piedade e copiosa generosidade de Deus onipotente, com as quais não somente os homens mas também os animais muito pequenos suficientemente são mantidos, sem semear e colher do campo virtualhas nem fazer alguma outra provisão, como diz o texto do sagradíssimo evangelho de São Matheus no sexto capítulo no qual do mesmo modo diz que mais é a alma do que o comer, e mais é o corpo do que a vestimenta, e mais são os homens do que as aves do campo, que pelo nosso pai celestial são pastoreadas sempre e mantidas, pelo preceito desse santo evangelho somos proibidos de ser muito solícitos do que haveremos de comer ou beber ou vestir outro dia, segundo a exposição de Nicolau de Lira.

Sobre esta razão Santo Ambrósio na homilia do mesmo evangelho diz assim. Nenhuma coisa mais mortal pode ser dita para provar fazer fé a todos os que creem: que Deus pode-lhes dar todas as coisas necessárias, que é o espírito aéreo e o colégio vital associado com o ajuntamento da alma e do corpo sem trabalho nosso, ao qual nunca falta o uso perpétuo e o manutenção saudável, até que vem o derradeiro dia de morrer, porque a alma é vestida com a cobertura do corpo e com o vigor da alma o corpo é animado, coisa feia é pensar que nos faltará cópia do alimento, havendo nos dado a bondade de Deus a substância contínua para viver, a qual nos prometeu pela boca do santo David no salmo nonagésimo, que estará conosco na atribulação e nos livrará disso, como muitas vezes foi visto no mundo, especialmente no tempo em que Moisés tirou do Egito os filhos de Israel que iam pelo deserto próximos do mar vermelho, o número dos quais sem as mulheres e filhos era de seiscentos mil homens, contra os quais vinha o rei faraó com seus exércitos e carros fazê-los voltar ao Egito. E Moisés vendo que vinham muito perto rogou a nosso senhor que livrasse o povo do poder de seus inimigos, e Deus mandou-lhe que estendesse o cajado para o mar e afastando a água foi feito um caminho no meio do mar por onde passaram sem perigo, e não voltaram para as mãos do Faraó. E seguiram pelo caminho do mar o povo de Deus, e depois que todos saíram, Moisés estendeu novamente seu cajado sobre o mar, tornando a juntar as águas como estavam de primeiro e afogaram o rei com todo seu exército, pelo qual foi maravilhosa libertação: Moisés com o povo e Maria profetiza, sua irmã, com as mulheres timpanistrias cantaram ao senhor o canto que começa: *Cantemus domino gloriose enim honorificatus est, equuz.* (Cantarei ao Senhor, porque triunfou gloriosamente; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro), segundo sê lê no décimo

quinto capítulo do êxodo. Ali chegou o povo Amarath, aonde estavam as águas tão amargas que não se podia beber, e para socorrer Deus a grande fadiga que a sede lhes dava, mandou que Moisés coloca-se o cajado na água, e logo se tornaram doces. De ali vieram pelo deserto sem fim, murmurou o povo contra Moisés e Aarão pela falta de carne e das iguarias que abundavam no Egito, segundo se lê no êxodo, e nosso Senhor para prover a falta da carne enviou-lhes com o vento um bando de codornas, e enviou-lhes também o maná como uma delicadeza do aparecimento do orvalho, com os quais os hebreus foram sustentados no deserto por quarenta dias. Porque Deus não ouve aos que sem pecados postos em tribulação algo lhe suplicam, mas quando por oração de um justo quis que os pecadores da murmuração fossem magnificamente socorridos. O povo tinha falta de água depois que passou de Refidim, e Moisés rogou a Deus que lhes desse água, e mandou-lhe que com o cajado ferisse a pedra, da qual saiu água em abundância, que depois de todos terem bebido sobrou para que as bestas que traziam consigo se fartassem. Não tinham o que comer a grande quantidade de pessoas que eram da outra parte do mar da Galiléia que é chamada Tiberiades, havia ouvido nosso Senhor Jesus cristo, multiplicou os cinco pães e os dois peixes com que se fartaram cinco mil homens, sem contar as mulheres. Segundo diz o santíssimo João Evangelista no sexto capítulo, faltou vinho nas bodas que Chana da galileia fazia, disse a rainha do céu a seu precioso filho que não havia mais vinho, e mandou Deus encher seis tinhas de água e transformou a água em vinho segundo o mesmo Evangelista. E em tempo de Antonino Pio, que começou a reinar no ano do senhor de cento e quarenta, fazendo guerra a seu irmão, Marco Aurélio acabou com os fartas e alemães, dizem as histórias segundo Antonino que como seu exército perecia de sede, desejando e buscando uma maneira de socorrer-lhes, encontrou em uma capitânia com alguns cavalheiros cristãos, os quais, como era costume, ajoelharam para rogar a Deus, fazendo assim as suplicações deles que foram ouvidas no céu. E subitamente sem esperança alguma de todo exército, caíram abundantes águas do céu socorrendo com muita fartura a sede de todos. E os inimigos que estavam para destruir o exército foram mortos e destruídos com espessos raios e fogo que caíram do céu. Mas o imperador não acreditou que o milagre foi feito pela oração dos cristãos, porque as miraculosas operações que nosso Senhor Deus fazia para seus servos e devotos cristãos nunca tiveram autoridade alguma para os gentios. E por isso o imperador chamou esta vitória fulminante, porque os raios trouxeram a vitória dos inimigos segundo diz Eusébio. Este Antonino teve dois filhos, e um também foi chamado Marco Antonio, o outro Lucio Aurélio Cômodo, dos quais falamos acima.

Antonino Vero edificou uma cidade chamada com seu nome Verona, foi varão de tanta seriedade, que desde pequeno nem por tristeza nem por alegria nunca alterou seu comportamento. Moderou com novas condições as cruéis leis de seus antepassados, agradeceu a todos as províncias por pagarem os tributos. Em todas as coisas se mostrou nada menos que justo e generosíssimo imperador, e quitou as leis caluniosas e ordens de todos os negócios do tesouro juntando tudo e queimando publicamente na praça. Deu maravilhoso exemplo a seus sucessores imperadores, maiormente cristãos: que não somente tomassem parte dos bens da justiça fiscal de seus súditos, mas que entre eles repartissem igualmente suas próprias rendas e tributos. E no tempo deste imperador foi vista uma estátua de mármore se mover, e outra de Hércules que era de cobre por muitos dias foi vista mecher, e foi levada para o senhorio dos romanos, para Selêucia, cidade que tinha dentro de seus portões trezentos mil homens, situada na província da Síria, próxima da qual corre o rio chamado Tigres, distante de Babilônia por trezentos estádios, e foi ali mesmo que levantou-se a quarta perseguição aos cristãos, a qual seguiu-se de grande mortandade (segundo diz Vicencio no décimo primeiro livro de seu Espéculo). Que amplamente destruiu muitas províncias, principalmente na Itália: vilas que ficaram sem moradores e os campos e heranças sem aqueles que deviam trabalhá-los, mas não por isso dava-se folga às armas, porque em todo o oriente e Ilírico e Itália e França viviam em guerras cruéis, e os terremotos não vinham sem danos e impedimento de cidades, as inundações dos rios também aumentavam, as mortes eram contínuas e os campos eram destruídos pelos gafanhotos, segundo conta Antonino na sua crônica.

Sabemos pelo profeta Jerêmias que nos tira o medo vão que alguns tiverem pelo astrólogo que quis dar conselho sem que ninguém houvesse pedido, e diz isto no décimo capítulo. Ao andar pelas vias dos gentios não tema os signos do céu como os gentios temem, porque Deus fez a terra em sua fortaleza e aparelha o mundo com sua sabedoria e sua prudência estende os céus e pela sua voz é dada vastidão de água aos céus e as neves são lançadas para as extremidades da Terra. De maneira que tanto por estas palavras do profeta quanto pelo que está escrito no vigésimo sexto capítulo do levítico, conhece-se o temor vão de alguns homens e a demasiada e desproveitosa diligência de mandar fazer previsões que são causa da carestia que temos vivido, diz desta maneira no capítulo. Diz Deus desta maneira: Se seguires meus mandamentos e guardá-los e pratica-los darei água em seus tempos, e a terra gerará sua semente, e as árvores serão cheias de frutas e o cheiro dos pães chegará até a vendimia, a qual ocupará a semeadura, e como reis em fartura terão pão, e morarão na sua terra sem temor, e

haverá paz em vossos fins, e dormirá sem que alguém com espanto o desperte e ficará longe das bestas más e por vossos domínios não passará a adaga do inimigo. Perseguirás a vossos inimigos e cairão diante de vós mesmo que tenha cem dos estrangeiros para cinco dos vossos. E se não me quiserdes ouvir, nem praticares estes mandamentos e menosprezares minhas leis e tomares por fracos meus juízos não fazendo o que tenho ordenado farei isto convosco: serão visitados pela pobreza e pelo ardor que secarão vossos olhos, e vossas almas serão consumidas, e em vão semeará a semente porque de vossos inimigos será a comida. E virarei meu rosto para vocês e cairás diante de vossos inimigos e seríeis submetidos aos que vos querem mal, e se desta maneira não me obedecerdes: por vossos pecados aumentarei sete vez mais o castigo, quebrando a soberba de vossa dureza, fazendo o céu ser de ferro e também a terra de cobre e vosso trabalho em vão será consumido, e a terra não dará sementes nem as árvores darão algum fruto, e se davia ainda permanecer contra mim não querendo-me ouvir, virão as sete pragas ainda mais fortes, e deixarei contra vós as bestas dos campos para consumir a vós e a vossa criação e diminuirei todas coisas vossas e farei incertos vossos caminhos, e se não quiser receber minha disciplina e permanecer contra mim, eu também andarei contra vós trazendo a adaga da vingança contra vós. De forma que se viver em cidade enviarei a peste em vosso meio e vos colocarei nas mãos dos inimigos. Pois se nosso Senhor dá em abundância os frutos da terra aos que cumprem seus mandamentos, não existe causa alguma para que se faça grande reunião de provisões pelo medo dos signos do céu, porque nenhum medo devemos ter, segundo o preceito de Jerêmias, maiormente o céu com todas as outras coisas do mundo estão submetidas ao senhorio do homem, por cuja causa assim mesmo foram criados, segundo diz o santo profeta no salmo oitavo. Todas as coisas o Senhor submete abaixo dos pés dos homens, diz São Gregório na homilia do evangelho O efeito do Nascimento de Jesus.

Dizem que as estrelas foram feitas por causa do homem, e não o homem feito por causa das estrelas. O mesmo diz São Marcos no capítulo segundo, o dia de sábado foi feito por causa do homem tal dignidade com o ministério dos anjos supremos é enobrecida e sublinhada. Segundo diz São Thomás: os elementos do mundo não servem somente para a vontade divina mas também para a humana, como está escrito no capítulo décimo nono do livro da sapiência. E por isso diz o sapientíssimo príncipe da astrologia Ptolomeu: que o varão sábio será senhor das estrelas, a sabedoria dele consiste no temor que tem do Senhor, e observa e guarda os preceitos divinos porque o princípio da sabedoria é o temor a Deus, segundo diz o profeta no salmo centésimo

décimo. E se Deus for ofendido com nossos pecados: daqueles que aproveitaram com muita diligência da grande provisão que podemos fazer, pois que para Deus deve ser afogada e destruída ou dada para os inimigos, e também deve ser executada em nós as perseguições que no levítico estão escritas, porque contra o Senhor não há ciência nem conselho. De maneira que por estas autoridades concluí-se haver sido em vão e de nenhum valor o conselho de muita solícitude e diligência de guardar provisões, dado por escrito a esclarecida e ilustríssima república de Espanha, na qual se encontra tanta cópia de doutíssimos e sapientíssimos varões, porque para os bons e santos homens não era necessário, nem mesmo para o mau proveito, porque com ou sem provisão da mão de Deus aviará, também os castigos. Roga a nosso Senhor que por nossos deméritos não nos faça estar na terra como cobre, mutio menos o céu como ferro, senão que tais sejam nossas obras neste mundo que mereçamos gozar da virtude do céu e da abundância da terra e depois da vida eterna. Amém. A paz da Igreja para aqueles que me ouviram.

A glória de Deus tudo pode

Só e com sua bendita mãe, a Virgem Maria. Termina o Sumário da História Geral. Foi impresso na imperial cidade de Toledo por Remõ de Petras impressor de livros. Acabado a vinte dias do mês de dezembro. Ano de mil e quinhentos e vinte e quatro.